



**TRANSFORMAÇÕES NO ENVOLVIMENTO PATERNO AO LONGO DOS SEIS
PRIMEIROS MESES DO BEBÊ NA CRECHE**

Marília Reginato Gabriel

Dissertação de Mestrado

Porto Alegre/RS, 2012

**TRANSFORMAÇÕES NO ENVOLVIMENTO PATERNO AO LONGO DOS SEIS
PRIMEIROS MESES DO BEBÊ NA CRECHE**

Marília Reginato Gabriel

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do Grau de Mestre em
Psicologia sob orientação da Profa. Dra. Rita de Cássia Sobreira Lopes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Abril de 2012

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, professora Dra. Rita de Cássia Sobreira Lopes, pelas suas sensíveis e profundas reflexões e por me incentivar a buscar Winnicott.

À banca examinadora, professoras Dra. Ana Cristina Garcia Dias, Dra. Lia Freitas e Dra. Milena Silva pelas contribuições a esse estudo.

Aos meus colegas de mestrado e às colegas do Núcleo de Infância e Família, especialmente à Lívia Leão, minha amiga querida desde o primeiro dia.

Às colegas e amigas do Projeto CRESCI, em especial à Gabriela Martins e Scheila Becker, pela amizade, parceira, aprendizados e sonhos compartilhados.

À CAPES e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo investimento e apoio dedicados.

Às famílias participantes desta dissertação, por dividirem suas experiências de vida comigo, com as quais eu aprendi muito.

A minha família querida, meus pais Ruy e Najá, irmãos Rômulo e Helena, meu namorado Marco Antonio e meus amigos Ana Paula e Rodrigo, agradeço a vocês o carinho e o amor devotados a mim para a realização deste trabalho e em cada dia da minha vida.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	09
RESUMO	10
ABSTRACT	11

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO	12
1.1. Paternidade nos tempos atuais	13
1.2. O modelo de envolvimento paterno	16
1.2.1. Determinantes do envolvimento paterno	19
1.2.2. Envolvimento paterno: da gestação aos primeiros anos de vida	21
1.3. O envolvimento paterno com o bebê que frequenta a creche	25
1.4. Justificativa	33
1.5. Objetivos	35

CAPÍTULO II

MÉTODO	36
2.1. Participantes	36
2.2. Delineamento e procedimentos	39
2.3. Instrumentos	40
2.4. Considerações éticas	40

CAPÍTULO III

RESULTADOS	42
Caso 1 – De mãe a pai: o caso de Mateus, Gisele e Carolina	43
Fase 1: entrada do bebê na creche (Carolina com 7 meses)	43

3.1. Interação	45
3.1.1 Participação nas atividades e nos cuidados do bebê	45
3.1.2. Relacionamento pai-bebê.....	45
3.2. Disponibilidade	46
3.3. Responsabilidade	46
Fase 2: um mês após a entrada na creche (Carolina com 8 meses)	46
3.1. Interação	47
3.1.1. Participação nas atividades e nos cuidados do bebê	47
3.1.2. Relacionamento pai-bebê.....	47
3.2. Disponibilidade	48
3.3. Responsabilidade	48
Fase 3: seis meses após a entrada na creche (Carolina com 12 meses)	48
3.1. Interação	49
3.1.1. Participação nas atividades e nos cuidados do bebê	49
3.1.2. Relacionamento pai-bebê.....	50
3.2. Disponibilidade	50
3.3. Responsabilidade	50
Análise longitudinal do Caso 1	51
Caso 2 – Sou cogenitor: o caso de Solano, Fernanda e Gustavo	53
Fase 1: entrada do bebê na creche (Gustavo com 6 meses)	53
3.1. Interação	55
3.1.1 Participação nas atividades e nos cuidados do bebê	55
3.1.2. Relacionamento pai-bebê.....	56
3.2. Disponibilidade	56
3.3. Responsabilidade	56
Fase 2: um mês após a entrada na creche (Gustavo com 7 meses)	57
3.1. Interação	57
3.1.1. Participação nas atividades e nos cuidados do bebê	57
3.1.2. Relacionamento pai-bebê.....	57
3.2. Disponibilidade	58
3.3. Responsabilidade	58
Fase 3: seis meses após a entrada na creche (Gustavo com 12 meses)	58
3.1. Interação	59

3.1.1. Participação nas atividades e nos cuidados do bebê	59
3.1.2. Relacionamento pai-bebê.....	60
3.2. Disponibilidade	60
3.3. Responsabilidade	61
Análise longitudinal do Caso 2	61
Caso 3 – Sou pai: o caso de Hermes, Denise e João Paulo	63
Fase 1: entrada do bebê na creche (João Paulo com 5 meses)	63
3.1. Interação	66
3.1.1 Participação nas atividades e nos cuidados do bebê	66
3.1.2. Relacionamento pai-bebê.....	66
3.2. Disponibilidade	67
3.3. Responsabilidade	67
Fase 2: um mês após a entrada na creche (João Paulo com 6 meses)	68
3.1. Interação	68
3.1.1. Participação nas atividades e nos cuidados do bebê	68
3.1.2. Relacionamento pai-bebê.....	69
3.2. Disponibilidade	69
3.3. Responsabilidade	69
Fase 3: seis meses após a entrada na creche (João Paulo com 12 meses)	70
3.1. Interação	70
3.1.1. Participação nas atividades e nos cuidados do bebê	70
3.1.2. Relacionamento pai-bebê.....	71
3.2. Disponibilidade	72
3.3. Responsabilidade	72
Análise longitudinal do Caso 3	72
Caso 4 – Quero ser mãe: o caso de Germano, Letícia e Luiz Otávio	74
Fase 1: entrada do bebê na creche (Luiz Otávio com 6 meses)	74
3.1. Interação	76
3.1.1 Participação nas atividades e nos cuidados do bebê	76
3.1.2. Relacionamento pai-bebê.....	77
3.2. Disponibilidade	77
3.3. Responsabilidade	77
Fase 2: um mês após a entrada na creche (Luiz Otávio com 7 meses).....	78

3.1. Interação	79
3.1.1. Participação nas atividades e nos cuidados do bebê	79
3.1.2. Relacionamento pai-bebê.....	79
3.2. Disponibilidade	79
3.3. Responsabilidade	80
Fase 3: seis meses após a entrada na creche (Luiz Otávio com 12 meses)	80
3.1. Interação	81
3.1.1. Participação nas atividades e nos cuidados do bebê	81
3.1.2. Relacionamento pai-bebê.....	82
3.2. Disponibilidade	82
3.3. Responsabilidade	83
Análise longitudinal do Caso 4	83

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO	86
4.1. Interação	86
4.1.1. Aspectos relacionados ao desenvolvimento do bebê	87
4.1.2. Aspectos relacionados à entrada na creche	90
4.2. Disponibilidade	91
4.2.1. Aspectos relacionados ao desenvolvimento do bebê	91
4.2.2. Aspectos relacionados à entrada na creche	92
4.3. Responsabilidade	94
4.3.1. Aspectos relacionados ao desenvolvimento do bebê	95
4.3.2. Aspectos relacionados à entrada na creche	96
4.4. Histórico do caso	98

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS	106

ANEXOS

Anexo A. Produções acadêmicas referentes à paternidade e creche	112
Anexo B. Termo de consentimento livre e esclarecido	114
Anexo C. Ficha de dados demográficos da família.....	115
Anexo D. Entrevista sobre gestação, parto e a experiência da paternidade	117
Anexo E. Entrevista sobre a adaptação do bebê à creche – versão pai	119
Anexo F. Entrevista sobre o envolvimento paterno na rotina do bebê.....	121

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Dados demográficos dos pais.....	37
Tabela 2. Dados demográficos da família.....	38

RESUMO

Este trabalho investigou o envolvimento de pais de bebês nos seis primeiros meses de frequência à creche. Baseado no conceito de envolvimento paterno, buscou-se investigar as transformações na interação, disponibilidade e responsabilidade dos pais sobre seus bebês com a entrada na creche. Para tanto, por meio de um estudo de caso coletivo de caráter longitudinal, quatro pais responderam a entrevistas em três momentos de coleta de dados, a saber: entrada do bebê na creche, um mês após a entrada e 6 meses após o ingresso na escola de educação infantil. Análise de conteúdo qualitativa indicou que tanto a creche quanto o desenvolvimento do bebê foram aliados do pai para a retomada do trabalho e da vida pessoal. O pai passou a interagir menos de acordo com os aspectos maternos da interação, uma exigência que vai muitas vezes além das suas capacidades. O presente estudo mostra a importância de se levar em consideração as necessidades e capacidades do pai que está envolvido no cuidado ao bebê.

Palavras-chave: envolvimento paterno; paternidade; creche.

ABSTRACT

This study investigated father involvement with their babies during the first six months in a child care center. Based on the concept of father involvement, we aimed to investigate the changes in fathers' interaction, availability and responsibility concerning their babies over time. To this end, through a collective case study, with a longitudinal design, four fathers answered an interview in three times of data collection: entry in the child care center, one month and six months later. Qualitative content analysis indicated that the day care center and the baby's development helped the father to turn more to his work and to recover his personal life. The father was able to interact less according to the maternal aspects of the interaction, which may be beyond his capacity. The present study shows the importance of taking into consideration the needs and capacity of fathers involved in infant care.

Key words: father involvement; fatherhood; child care center.

Capítulo I

Introdução

A passagem para um novo estágio de vida pode ter implicações intensas para o indivíduo, assim como para o funcionamento do sistema familiar (Carter & McGoldrick, 1995; Hintz, 2001; Minuchin, 1982). Em particular, a inauguração do subsistema parental, representado pela gravidez, nascimento e primeiros meses do bebê, é caracterizado como um dos maiores desafios vividos pela família (Bradt, 1995), implicando em uma mudança importante nos papéis familiares. O papel de pai tem sido considerado como o mais afetado pelas transformações vividas pelo homem na contemporaneidade (Parke, 1997). Entende-se como papel do pai, as atitudes específicas do homem nos cuidados do seu filho, o modo da sua presença na vida desta criança e o que é da sua responsabilidade, o que lhe cabe ser e fazer como pai (Fulgencio, 2007). Mesmo ao falar em papel paternal, entende-se que o ser pai está para além de um papel com direitos e deveres, mas que consta de um exercício de uma função por um sujeito que interage com outros e que faz parte de um mundo social, econômico, cultural e histórico (Dessen & Lewis, 1998). As influências sobre a constituição do papel são múltiplas, sendo necessário estudar o papel do pai através dos vários subsistemas aos quais pertence (Dessen & Lewis, 1998; Minuchin, 1982).

Dentro desta perspectiva de paternidade, tem sido questionado como o pai se envolve com o bebê através de ações que abarcam a interação, responsabilidade e disponibilidade. Envolver-se de fato nas tarefas cotidianas do filho é uma dificuldade para os pais¹ que se veem como responsáveis tanto pelo sustento financeiro como pelo desenvolvimento saudável do filho. A existência de suporte social, como estabelecimentos de educação infantil, torna-se essencial para que o pai dê conta dessas responsabilidades, uma vez que pode contar com outros para cuidar do seu bebê. Assim, o pai pode se sentir seguro de que seu filho está em um ambiente adequado e, inclusive, que está investindo na qualidade da sua formação. A creche pode ser a instituição que possibilita esse lugar seguro e de desenvolvimento para o bebê, implicando num maior ou menor envolvimento do pai.

Neste sentido, este trabalho objetiva compreender as transformações no envolvimento de pais com bebês que frequentam a creche. Serão investigadas, especificamente, a interação, a disponibilidade e a responsabilidade do pai com o bebê e com a instituição. Para introduzir o tema, serão apresentadas três seções que abordarão,

¹ A palavra “pais” será utilizada neste texto referindo-se ao plural da palavra “pai”, ou seja, refere-se somente aos homens. Quando se incluir a mãe no termo, será utilizada a expressão “pai e mãe”.

inicialmente, (a) a paternidade nos tempos atuais, (b) o modelo de envolvimento paterno e, (c) por fim, o envolvimento do pai com bebês que frequentam a creche.

1.1. Paternidade nos Tempos Atuais

Tornar-se pai constitui uma fase de mudanças intensas para o homem, com transformações importantes associadas à aquisição do novo papel. O subsistema pai-filho inaugurado com a gestação e/ou com o nascimento torna-se um desafio para o homem, que precisa construir uma maneira de ser pai constituída do encontro entre as expectativas próprias e sociais e das necessidades do seu bebê (Parke, 1997).

Quanto à prática da paternidade, cada homem pode adotar diferentes maneiras de exercê-la. Segundo Fein (1978), existem três tipos de paternidade: tradicional, moderna e emergente. A paternidade tradicional é aquela cujas atividades primárias do pai centram-se no trabalho, delegando o cuidado dos filhos para a mãe ou outras pessoas. Na moderna, o pai percebe a importância do desenvolvimento da criança como um objetivo importante, especialmente nas áreas de desenvolvimento da identidade, do papel sexual, desempenho acadêmico e desenvolvimento moral. Já na paternidade dita emergente, o pai participa mais igualmente com sua companheira dos cuidados da criança. Este modo pode favorecer o desenvolvimento positivo da criança e também enriquecer as relações familiares (Souza & Benetti, 2009).

Percebe-se que esses tipos de paternidade coexistem na atualidade (Bornholdt, Wagner, & Staudt, 2007; Freitas, Coelho, & Silva, 2007; Staudt & Wagner, 2008), quando o homem transita entre o modelo tradicional de provedor e o modelo emergente de maior envolvimento afetivo (Gomes & Resende, 2004; Souza & Benetti, 2009). Ainda, considera-se que existem pais que exercem um papel tradicional com os filhos, mas que desejariam ser um pai moderno ou emergente, ou seja, gostariam de sair de uma postura única de provedor e envolver-se afetivamente com os filhos (Bornholdt et al., 2007; Staudt, 2007).

Nesse sentido, uma figura de paternidade ideal emerge, sendo que esta contempla alguns aspectos do modelo tradicional de relação, descrito por Fein (1978), com características como autoridade, segurança e provimento (Staudt, 2007; Trindade, 1993), como também inclui o envolvimento afetivo do pai com o filho e comprometimento com a sua formação (Goodman, 2005). Com este ideal de paternidade e com a impossibilidade do pai de atender todas essas demandas, criou-se um espaço entre o que se espera de um pai e o que ele realmente faz (LaRossa, 1988). Ou seja, há um discurso ideal em que o pai tem a consciência de que a sua presença é importante para o filho, desejando, assim, estar mais

presente e ser mais afetuoso, mas que não se realiza, ao menos totalmente, na prática (LaRossa, 1988; Souza & Benetti, 2009). Para os pais, o maior motivo de não conseguirem alcançar este ideal de participação seria o intenso envolvimento com o trabalho e com a responsabilidade do sustento pela casa (Beltrame & Bottolli, 2010).

Mesmo com essa distância entre o discurso e a prática da paternidade (Goetz & Vieira, 2009; LaRossa, 1988; Souza & Benetti, 2009), é impossível deixar de reconhecer que os pais estão mais participativos, compartilhando das tarefas primárias com a mãe e preocupando-se com o desenvolvimento e formação dos filhos (Beltrame & Bottolli, 2010; Freitas, Silva, Coelho, Guedes, & Costa, 2009; Silva & Piccinini, 2007). Estes estudos trazem evidências que apoiam uma mudança efetiva no cotidiano da família com a participação mais ativa do pai, embora a literatura ainda não examine o grau ou a frequência com que os pais realmente dirigem a intenção para a prática (Genesoni & Tallandini, 2009).

A coexistência de modelos e de diversos níveis de envolvimento possibilita ao homem um amplo espectro de maneiras de desempenhar o papel paterno. Esta diversidade é fruto de transformações provenientes da sociedade patriarcal, na qual a estrutura da família era hierarquizada, com o poder centrado na figura masculina, bem como da sociedade pós-moderna, quando novas configurações de família surgem baseadas em uma estrutura de igualdade (Dessen, 2010; Hintz, 2001; Santos, Caldana, & Biasoli-Alves, 2001).

Neste momento, ainda caracterizado como de transição, a diferenciação entre os pais que participam dos cuidados do filho e são engajados na sua criação e aqueles pais que permanecem no modelo tradicional de provedor e socializador ainda é abordada (Jain, Belsky, & Crnic, 1996). Mesmo com as novas demandas, o papel de provedor continua sendo o principal para o homem, sendo que os próprios pais se percebem como provedores financeiros primários ou fundamentais para o sustento da casa. No entanto, pode-se perceber que a mulher tem atuado intensamente como coprovedora, buscando atender às necessidades materiais dos filhos tanto quanto o homem (Fleck & Wagner, 2003; Goetz & Vieira, 2009).

Na atualidade, os estudos enfatizam as diferenças qualitativas nos tipos de cuidados prestados pela mãe e pelo pai. Ainda há a predominância da mãe como responsável pelos cuidados primários com os filhos (Falceto, Fernandes, Baratojo, & Giugliani, 2008) e o pai como um mero ajudante ou aquele que apoia a mãe (Bustamante & Trad, 2005). No entanto, percebe-se que o pai não está disposto a copiar padrões antigos, nem ocupar o lugar materno (Beltrame & Bottolli, 2010), desejando cuidar do filho da sua maneira

(Sutter & Bucher-Maluschke, 2008), sendo essas posições paternas diferentes das tomadas anteriormente. Percebe-se que o que há de novo não são os sentimentos, mas o modo como estes são manifestados, com o pai cuidando do filho, participando da sua vida e sendo responsável pela criança (Sutter & Bucher-Maluschke, 2008).

Mesmo não possuindo a intenção de estar no lugar na mãe, o pai tem assumido algumas tarefas que o aproximam do papel materno, principalmente no que se refere aos cuidados primários (Sutter & Bucher-Maluschke, 2008). Assim, as atividades de cuidado aos filhos se tornam, hoje, aspectos importantes para a paternidade, e são caracterizadas como atividades de responsabilidade parental ou coparental e não somente materna ou paterna. No entanto, mãe e pai desempenham papéis diferentes no cuidado direto e indireto (passeios, lazer) de suas crianças (Goetz & Vieira, 2009), sendo o pai mais prático e com mais facilidade para frustrar o filho (Sutter & Bucher-Maluschke, 2008).

Além de refletir os aspectos pessoais e sociais envolvidos na construção da paternidade, deve-se compreender o estágio de desenvolvimento emocional que o bebê se encontra no momento e quais são as necessidades deste. Ao entender que todo o ser humano tem uma tendência inata ao amadurecimento, Winnicott (1967/1999) indica que, para que essas tendências se realizem, torna-se necessário os cuidados ambientais, cotidianos e regulares, cujo desenvolvimento é próprio de cada estágio. Assim, o papel do pai irá variar de acordo com as tarefas maturacionais do bebê em cada fase (Fulgencio, 2007).

Winnicott (1963/1983) compreende o período inicial da existência humana como marcado pela extrema dependência do bebê com relação aos cuidados maternos e pela constituição dos alicerces da sua personalidade. A ênfase dada aos aspectos maternos é decorrente da imaturidade do bebê que, num mundo subjetivo, é incapaz de saber da existência de objetos externos, podendo relacionar-se com a mãe como esta sendo um objeto subjetivo, que não é percebido como um objeto separado e externo ao bebê. Para o autor, a palavra “maternal” refere à atitude completa em relação ao bebê e aos cuidados destinados a ele. Para Fulgencio (2007), mesmo que o materno seja destacado por Winnicott (1963/1983), isso não quer dizer que o pai não exerça aspectos maternos na sua relação com o bebê ou que o pai não tenha um papel particular e fundamental durante toda a vida da criança.

No primeiro estágio de desenvolvimento emocional, chamado dependência absoluta (vivido do nascimento aos 4 meses de idade do bebê), o bebê vive imerso na relação com a mãe, enquanto o pai participa indiretamente desta relação (Winnicott, 1963/1983). O pai deve assumir duas funções nesta etapa. A primeira diz respeito ao pai

estar para o bebê como uma mãe substituta e neste papel o importante não é o seu lado masculino, mas a prática da paternidade a partir dos seus elementos maternos. Na segunda função, o pai torna-se o “cuidador” da díade mãe-bebê. O pai cuida da relação mãe-bebê ao sustentá-la, protegê-la, para que a mãe possa dedicar-se inteiramente ao seu bebê. Com estas funções, neste estágio inicial, o pai compõe o ambiente total em que o bebê habita (Fulgencio, 2007).

Na segunda etapa, chamado dependência relativa (dos 4 aos 9 meses do bebê), o bebê inicia um processo de desadaptação da mãe com relação às suas necessidades. Essa desadaptação dá ao bebê a possibilidade de lidar com as pequenas falhas da mãe, de modo gradual e suportável (Winnicott, 1963/1983). A função do pai nessa fase será a introdução de aspectos paternos meio a desadaptação do bebê à mãe e a adaptação do mundo externo. Fulgencio (2007) sugere que o pai possa, nesse estágio, oferecer com mais frequência seu colo para o bebê, possibilitando que a mãe dedique-se a outras atividades. Desta forma, o pai pode mostrar à mãe que o bebê já pode aventurar-se em outros espaços e relações.

Esta possibilidade de abrir-se para o mundo externo pode fazer com que o bebê comece a diferenciar os aspectos paternos presentes nos cuidados maternos. Assim, o pai surge na vida do filho com suas qualidades paternas (aspectos de ordem, firmeza nos cuidados, expressão do “não” e características individuais) e não somente como um substituto da mãe (Fulgencio, 2007). É nessa fase do desenvolvimento emocional que este estudo enfocará, tendo em vista a inserção paterna na vida do bebê.

1.2. O modelo de Envolvimento Paterno

Conforme discutido, as pesquisas têm demonstrado que a paternidade está passando por um momento de transição, abordando os sentimentos, expectativas, vivências e como o pai se envolve com o filho na contemporaneidade. Entretanto, a maioria dos artigos não tem utilizado critérios ou teorias que definam exatamente o que está sendo estudado em relação à paternidade. O envolvimento paterno é um dos conceitos investigados sem uma definição precisa ou de consenso entre os pesquisadores (Cabrera, Tamis-LeMonda, Lamb, & Boller, 1999). Neste sentido, no presente trabalho será utilizado o modelo de envolvimento paterno conforme definido e estudado por Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985), empregado em pesquisas brasileiras (Bolli, 2002; Castoldi, 2002; Henn, 2007; Silva & Piccinini, 2007; Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes, & Tudge, 2004; Silva, 2003, 2007; Souza, 2008; Souza & Bennetti, 2008; Yoshihara, 2008) e internacionais (Hohmann-Marriott, 2011; Lima, 2008; Monteiro, Veríssimo, Santos, & Vaughn, 2008; Parke, 1997;

Pleck, 1997; Saleh & Hilton, 2011; Tamis-LeMonda, Kahana-Kalman, & Yoshikawa, 2009).

O modelo de envolvimento paterno estrutura-se através de três componentes: (a) interação, (b) disponibilidade e (c) responsabilidade. O primeiro refere-se ao contato direto do pai com seu filho, através do cuidado e atividades compartilhadas. Exemplos de interação incluem: vestir e alimentar o bebê, brincar e outras atividades que envolvam cuidado direto. Disponibilidade é um aspecto relacionado à acessibilidade física e psicológica, o que oportuniza a interação com a criança. Este componente permite, mas não requer, uma interação face-a-face. Um exemplo pode ser o pai ler o jornal enquanto a criança brinca no mesmo ambiente. O último, responsabilidade, refere-se ao papel do pai de garantir que a criança seja cuidada e que os recursos estejam disponíveis para a criança. Levar o bebê ao médico quando está doente e garantir que o bebê tenha roupas adequadas para vestir são exemplos de responsabilidade. Responsabilidade também inclui ansiedade, preocupações e planejamentos que fazem parte da parentalidade (Lamb et al., 1985).

Cabe ressaltar que o conceito de envolvimento paterno diz respeito aos aspectos práticos da paternidade (Houzel, 2004). Segundo Houzel (2004), existem três eixos que definem diferentes funções paternas: (a) exercício, (b) experiência e (c) prática. O exercício da parentalidade aproxima-se do sentido jurídico, sendo o parentesco e a filiação definidores deste eixo. Tem como função organizar os indivíduos nos seus laços de parentesco, seus direitos e deveres. A experiência da parentalidade é a vivência subjetiva do fato de vir a ser pai ou mãe e de preencher papéis parentais. O terceiro eixo, da prática da parentalidade, diz respeito às tarefas cotidianas que os pais e mães devem realizar com seu filho, sendo que ambos têm seu papel a desempenhar nessas tarefas. O autor enfatiza que as tarefas englobam não só o cuidado físico, mas também os cuidados psíquicos da criança. Desta forma, pode-se dizer que o conceito de envolvimento paterno de Lamb et al. (1985) faz parte do eixo de práticas de paternidade segundo a divisão de Houzel (2004), relacionando-se com o que é feito no dia-a-dia do bebê.

Baseado na definição de Lamb et al. (1985), o conceito de envolvimento passou a ser estudado a partir do tempo que o pai despendia ao filho em cada dimensão. O envolvimento em termos quantitativos era avaliado através de diários ou de questionários que os pais preenchiam, fazendo um levantamento das horas dedicadas ao filho, comportamentos e responsabilidades (Cabrera et al., 1999; Pleck, 1997), não importando a qualidade deste envolvimento. Segundo Pleck (1997), o foco nos níveis de envolvimento paterno surgiu da preocupação com a prática da paternidade, principalmente em um contexto em que as mães estavam em atividades laborais fora de casa. É interessante

contextualizar o surgimento desta preocupação com o êxodo das mulheres para o trabalho externo à casa e as dúvidas que existiam quanto às consequências desta ausência. Os pais deveriam aumentar seus níveis de envolvimento, a fim de diminuir o ônus que a ausência materna causaria. Também é importante lembrar que os divórcios se intensificaram nesta época, trazendo mais uma preocupação quanto ao impacto da ausência paterna nos filhos (Dantas, Jablonski, & Féres-Carneiro, 2004).

Pleck (1997) retomou o conceito de envolvimento paterno, inserindo uma preocupação qualitativa, não só quantitativa, como anteriormente considerado. Deste modo, a metodologia de estudo do envolvimento paterno abandonou, pelo menos em parte, os extensos diários e questionários e passou a utilizar entrevistas e outros procedimentos qualitativos de pesquisa. As novas investigações passaram a coletar dados diretamente com o pai, usar métodos qualitativos e quantitativos, alcançar populações em situação de vulnerabilidade social e, inclusive, coletar dados por meio de outras fontes de informação, como a mãe e família extensa (Cabrera et al., 1999).

Outro aspecto que passou a ser importante foram os diferentes níveis de envolvimento paterno de acordo com a situação do pai: residente ou não, pai de filho único ou de vários filhos e aqueles que trabalham ou estão desempregados (Pleck, 1997). Pais que não moram com os filhos em decorrência de separação conjugal tendem a se distanciar fisicamente da família pelo próprio fato de estarem separados e por conflitos com a mãe dos filhos (Dantas et al., 2004). Pais de mais de três filhos tendem a se envolver menos com os cuidados da prole por necessitar trabalhar mais para o sustento da grande família (Falceto et al., 2008; Pleck, 1997).

Tendo em vista essas transformações no modelo inicial proposto por Lamb et al. (1985), além das mudanças metodológicas citadas, alterações conceituais são propostas no sentido de revisar e ampliar os componentes do envolvimento paterno. Saleh e Hilton (2011) sugerem que, no que se refere à interação, sejam enfatizados os aspectos que envolvam engajamento, como cuidar e brincar, pois a interação deve ser de qualidade para ser considerada como importante para o envolvimento paterno.

Quanto à disponibilidade, Saleh e Hilton (2011) remetem à importância de atentar para o real acesso dos pais aos filhos, uma vez que, principalmente em comunidades de baixa renda, o pai pode estar preso ou impedido judicialmente de se aproximar da família. Impossibilitado de ver o filho, o pai perde o acesso e, automaticamente, os momentos de interação. Em relação à responsabilidade, a estabilidade financeira ganha destaque entre os outros compromissos do pai. Mesmo que o papel de provedor não seja contemplado no modelo de Lamb et al. (1985), ter um trabalho, manter-se empregado e possuir reservas ou

fontes financeiras para quando necessário são elementos básicos para que o homem cumpra com as suas responsabilidades de pai. Para o presente estudo, será adotada a perspectiva tradicional de Lamb, assim como as contribuições atuais de Pleck (1997) e Saleh e Hilton (2011).

1.2.1. Determinantes do Envolvimento Paterno. São dois os fatores que interagem na determinação do envolvimento paterno: os fatores biogenéticos, determinados pela evolução da espécie, e os fatores ecológicos e psicossociais (Lamb et al., 1985). O primeiro refere-se às tendências por parte dos organismos de tomar decisões com base em predisposições comportamentais e metas gerais manifestadas ou buscadas no contexto, dependendo das restrições impostas ou das opções disponibilizadas pela ecologia social e ambiente físico. A posição biogenética extrema explica a diferença de envolvimento paterno entre pais e mães em termos de argumentos como evolução da espécie ou pelas questões hormonais (Parke, 1997; Lamb et al., 1985).

As pressões evolutivas podem ser responsáveis por diferenças sexuais na propensão para o envolvimento, sendo que um dos principais objetivos seria garantir a representação de genes, através de altos níveis de fertilização e da criação dos filhos para que estes sobrevivam. Neste sentido, os machos mamíferos estariam mais fortemente engajados com a primeira alternativa (fertilização), enquanto as fêmeas, com a segunda (criação dos filhos). As fêmeas mamíferas investem muito tempo na gestação, parto e cuidados pós-natais, como amamentação, o que implica num envolvimento intenso e duradouro com o filho. Assim, como os machos contam com a fêmea para os primeiros cuidados da prole, podem investir na maximização de seus genes, ao invés de investir na parentalidade. Desta forma, na teoria evolucionária, a mãe torna-se mais envolvida que o pai (Lamb et al., 1985; Manfroi, Macarini, & Vieira, 2011).

Ao tomar para si as tarefas iniciais de cuidado do bebê, a mãe passa a não necessitar da ajuda do macho. Assim, sem ser designado para maximizar suas aptidões paternas, o homem parte para outra tarefa, ou seja, as atitudes da mãe podem limitar ou facilitar o comportamento paterno (Lamb et al., 1985). Este comportamento materno de não abdicar das tarefas de cuidado para o pai é chamado atualmente de *gatekeeper* (Monteiro et al., 2008). Em outras espécies, em que a prole é múltipla e de grande tamanho, pai e mãe precisam dedicar-se à alimentação dos filhos para que sobrevivam. Assim, a necessidade ambiental molda o envolvimento paterno de acordo com a visão evolutiva (Lamb et al., 1985; Manfroi et al., 2011).

É nesse sentido que os fatores ecológicos e psicossociais ganham força. As mudanças ambientais nos últimos anos, como a criação de mamadeiras, fórmulas nutritivas e escolas infantis, mudaram a maneira de criar os filhos, tendo um grande impacto no comportamento paterno. No ambiente social contemporâneo, não só o ambiente mudou, mas a variação das características pessoais e sociais também parece influenciar o envolvimento paterno e a variação deste envolvimento. Estes fatores representam características cruciais da ecologia dentro das quais pais e mães fazem escolhas em relação ao envolvimento parental (Manfroi et al., 2011). Essas escolhas, determinadas pelo ambiente, podem até mesmo anular as predisposições herdadas pela evolução da espécie, no entanto, segundo os autores, o ambiente frequentemente reforça os fatores evolutivos (Lamb et al., 1985).

São quatro os fatores ecológicos e psicossociais que determinam o envolvimento paterno: (a) motivação, (b) habilidades e autoconfiança, (c) apoio social e (d) fatores institucionais (Lamb et al., 1985; Pleck, 1997). A motivação refere-se ao desejo por envolvimento paterno no cuidado diário dos filhos. Relaciona-se com a história de desenvolvimento do indivíduo, sua idade, história conjugal, as crenças relacionadas ao gênero masculino e aos papéis parentais, e também com o grau do envolvimento de seu próprio pai (Lamb et al., 1985; Pleck, 1997). A diferença entre grupos de pais que se envolvem mais ou menos com os filhos pode ser explicada pelos anos de socialização, a partir da qual são construídos diferentes papéis futuros de homem e mulher (Lamb et al., 1985).

As habilidades e a autoconfiança referem-se à percepção paterna quanto a suas competências em relação ao cuidado e interação com o filho. Mesmo quando há motivação e o homem quer se envolver no cuidado do filho, seu envolvimento pode ser limitado por uma crença ou pela real falta de habilidades para tanto. Quando as habilidades estão presentes, tornando o homem tão competente quanto a mulher nos cuidados básicos do bebê, o estereótipo social feminino de ser hábil nas tarefas com o bebê obriga o homem a negar a exposição das competências e do prazer no cuidado do filho. No entanto, com a diminuição das famílias e a maior distância da família de origem, a falta de habilidade e de autoconfiança tornou-se um problema para pai e mãe, pois ambos passam a ter poucas oportunidades de aprendizado ou de apoio (Genesoni & Tallandini, 2009; Lamb et al., 1985). A partir da necessidade de cuidado da criança, pai e mãe usam seu potencial para aprender as competências de criação de filhos na experiência em si (Lamb et al., 1985). Os autores (Lamb et al., 1985) explicam que pais podem ser tão habilidosos e envolvidos quanto a mãe, mas isso não significa que eles necessariamente sejam. As mães parecem ser

mais prováveis de procurar, oferecer-se e aprender habilidades maternas, mas isso não determina ou assegura diferenças sexuais nas habilidades parentais (Lamb et al., 1985).

O apoio social refere-se ao apoio recebido da mãe, parentes e amigos para que o homem exerça as tarefas de cuidado com o filho. Sem a aprovação das pessoas significativas, principalmente da mãe, o envolvimento será limitado (Lamb et al., 1985; Sutter & Bucher-Maluschke, 2008). Para Pleck (1997), o papel da esposa e a relação conjugal são essenciais ao tratar de apoio social. Quando a mãe trabalha, o envolvimento do pai é maior, sendo que quanto mais horas a mãe trabalha, mais o pai assume responsabilidades com os filhos (Parke, 1997, Pleck, 1997). Ademais, a satisfação e a qualidade conjugal têm sido consideradas mais um determinantes do envolvimento paterno do que como consequência deste (Souza & Benetti, 2008; Parke, 1997, Pleck, 1997). Os problemas de relacionamento do casal e o fato de a mulher trabalhar em casa são aspectos que podem afetar o não envolvimento do pai no cuidado com lactentes (Falceto et al., 2008).

Já os fatores institucionais referem-se, principalmente, ao trabalho do homem. As características do trabalho podem afetar o envolvimento do pai, uma vez que colocam impedimentos que restringem o envolvimento dos pais no cuidado dos filhos. Muitas vezes, os chefes desaprovam aqueles que possuem a família como prioridade, fazendo com que os pais passem a temer as desaprovações e as consequências de seu envolvimento com os filhos. Para os autores (Lamb et al., 1985), outros fatores preponderam sobre os institucionais. Deste modo, mesmo que os chefes aprovassem o envolvimento do pai com a família, muitos pais não o fariam, pois só vão dedicar-se mais à família aqueles que tiverem motivação, habilidades e forem apoiados para isso. Mesmo assim, não se pode esquecer a importância que o trabalho possui para a identidade masculina (Lamb et al., 1985).

Concluindo, o envolvimento paterno pode ser afetado pelas pressões evolutivas que tornam o pai menos propenso a se envolver do que a mãe. No entanto, a expressão das tendências que homens e mulheres carregam é afetada pelos fatores ecológicos e sociais, os quais são definidos pelo contexto em que as escolhas serão realizadas (Lamb et al., 1985). Em grande parte das vezes, os fatores ecológicos e sociais reforçam as propensões evolutivas relacionadas ao investimento parental, o que torna importante conhecer as interações entre esses diferentes determinantes.

1.2.2. Envolvimento Paterno: da Gestação aos Primeiros Anos de Vida. O envolvimento paterno, tal qual descrito acima, tem sido estudado, principalmente, na

gestação (Bolli, 2002; Castoldi, 2002; Piccinini et al., 2004), no primeiro ano de vida da criança (Bolli, 2002; Castoldi, 2002; Henn, 2007; Silva, 2003, 2007) e em período pré-escolar e escolar (Henn, 2007; Silva, 2003; Silva & Piccinini, 2007; Souza, 2008; Souza & Benetti, 2008; Yoshihara, 2008). Os resultados das pesquisas indicam que, durante a gestação, o pai procura se envolver com o bebê de modo direto e indireto, por meio de acompanhamento a ecografias e consultas, além de apoio emocional à mãe do bebê, estando disponível, conversando, tranquilizando a companheira (Castoldi, 2002; Piccinini et al., 2004). Outros comportamentos e sentimentos revelam o envolvimento emocional do pai na gestação, como o apoio material à gestante, referir-se como grávido, envolvimento nos preparativos para a chegada do bebê, busca de informações sobre bebês e gravidez, entre outros. Na gravidez, o pai interage com o filho através da busca de contato ou da reação às manifestações do bebê no útero, atribuindo ao bebê características físicas e emocionais. As preocupações do pai também suscitam a responsabilidade deste com a gravidez, sendo as mais presentes: (a) a preocupação com a gestante, (b) com o bebê, (c) parto, (d) finanças, (e) aumento das responsabilidades e (f) a inexperiência (Piccinini et. al, 2004).

O pai cria, durante o período gestacional, algumas expectativas de envolvimento com o bebê após o nascimento. Pais de primeiro filho possuem expectativas de maior disponibilidade, de ter tempo para estar mais presente da família; já os pais que possuem outros filhos revelam aspectos mais reais de contato, esperando interagir mais com o bebê que está a caminho (Bolli, 2002). No entanto, após o nascimento do bebê, algumas expectativas dos pais são frustradas, pois a realidade não permite que possam exercer livremente a paternidade. De fato, em termos de acessibilidade, os pais seguem o modelo tradicional, com extensas jornadas de trabalho, estando disponíveis apenas à noite e nos finais de semana. Quanto à responsabilidade, o pai se mantém como o responsável pela manutenção da casa e da família em termos financeiros, mesmo que a companheira também contribua. Já a interação varia longitudinalmente, sendo que quanto mais velha a criança, maior o engajamento (Castoldi, 2002). A interação pode ser resumida a brincadeiras (Castoldi, 2002), entretanto não se restringe somente a essa atividade. O pai costuma cuidar do filho, compartilhando esta tarefa com a mãe (Silva & Piccinini, 2007), mesmo que a mãe seja a referência principal quando se trata de cuidados (Bolli, 2002).

Segundo Tamis-LeMonda et al. (2009), o envolvimento do pai durante a gestação pode prever a interação com o filho de 1 ano de idade. O pai que faz refeições com o bebê, fica sozinho com o filho e se engaja nas atividades de cuidado tende a ter participado da vida do bebê desde a gestação, fato que pode ser associado ao estado de *engrossment*

(Greenberg & Morris, 1974) e à posterior vinculação pai-bebê. O *engrossment* é um potencial inato, mas que interage fortemente com o ambiente em que o pai vive. Para os autores, é o contato precoce que libera o potencial para o envolvimento paterno, sendo que o pai começa a desenvolver um laço com o recém-nascido nos primeiros três dias depois do nascimento e frequentemente antes, durante a gestação (Greenberg & Morris, 1974). Em termos quantitativos, pais de crianças de 1 ano demonstram altos níveis de envolvimento paterno. Por exemplo, estudo de Saleh e Hilton (2011), com 2.515 pais americanos de diferentes idades, revelou que 42,7% dos pais relataram interação com os filhos durante mais de 5 dias por semana, 89,3% também relataram altos níveis de disponibilidade, estando o mês todo junto da família, e 48% referiram ser pais responsáveis ao ter, ao menos, um emprego, apoio financeiro e, até mesmo, acesso a crédito.

Em pais de crianças com idade escolar, o estudo de Silva e Piccinini (2007) destacou a satisfação dos homens com a paternidade. Esse estudo, com três pais de crianças pré-escolares, mostrou pais que se consideram felizes no desempenho da paternidade, bons pais, presentes e próximos de seus filhos. Silva e Piccinini (2007) afirmaram que o bom relacionamento com a mãe facilita o seu envolvimento com os filhos, principalmente por se tornarem presentes no discurso materno de forma positiva, fato que confirma os determinantes do envolvimento paterno indicados por Lamb et. al. (1985). Mesmo que o sentimento de satisfação esteja presente na paternidade, o homem pode avaliar-se como um pai distante do que considera ideal, principalmente pelo impedimento que o trabalho representa para a participação na vida dos filhos (Silva & Piccinini, 2007). Para Monteiro et al. (2008), justificar o não envolvimento paterno através das dificuldades que o trabalho impõe já não é suficiente, uma vez que, em muitos casos, pai e mãe trabalham e mantêm o bebê sob cuidados alternativos. Os fatores associados ao não envolvimento do pai nos cuidados com o bebê são relacionados ao fato de a mãe não trabalhar fora e a problemas de relacionamento do casal, como já mencionado anteriormente (Falceto et al., 2008).

Na pesquisa de Lima (2008), com 60 pais de crianças pré-escolares (3 a 5 anos), em Portugal, verificou-se diferenças no tempo de envolvimento durante a semana e finais de semana (46,27% e 96,8%, respectivamente), destinando apenas 1 hora por dia durante a semana e 2 horas nos finais de semana para os cuidados primários. Outra constatação é quanto à acessibilidade dos pais. O referido estudo revelou que os pais mais velhos são mais acessíveis e interagem mais com os filhos, comparados com pais mais jovens. Estes dados também foram encontrados por Saleh e Hilton (2011).

O estudo do envolvimento paterno em contextos adversos também tem sido desenvolvido, como na depressão pós-parto (Silva, 2007), pais que não moram com os filhos (Silva, 2003), pais que casam ou coabitam após a notícia da gravidez (Hohmann-Marriott, 2011), situação de desemprego paterno (Souza, 2008), filhos com Síndrome de Down (Henn, 2007) e com portadores de Transtorno de Desenvolvimento (Yoshihara, 2008). Quanto ao envolvimento em situação de depressão pós-parto da esposa, os pais se revelam presentes e ativos ao cuidar dos filhos e auxiliá-la em tarefas domésticas, no entanto há dificuldade de apoiar emocionalmente as mães, assim como disciplinar os filhos (Silva, 2007). No contexto de Síndrome de Down, os pais também mostraram-se ativamente envolvidos no cuidado com os filhos, embora o trabalho surja como limitador da atenção do pai (Henn, 2007). O envolvimento em situações de desenvolvimento atípico tende a ser maior do que em situações de desenvolvimento esperado (Yoshihara, 2008).

Nas situações de desemprego (Souza, 2008; Souza & Benetti, 2008) e de não morar com os filhos (Silva, 2003), o envolvimento paterno tende a ser menor do que em pais empregados ou que não moram com a família. O menor envolvimento destes pais está associado a maiores restrições, sendo estas ligadas, principalmente, às dificuldades de relacionamento com as mães de seus filhos, pelo motivo da separação (Silva, 2003), ou pela falta de contribuição financeira (Souza, 2008; Souza & Benetti, 2008). Pais que casam ou coabitam após a notícia da gravidez tendem a ser mais envolvidos do que pais que casam antes da gestação, o que é explicado pelo foco do casamento ser a criança e o sucesso da recente família, além de serem considerados pais mais flexíveis (Hohmann-Marriott, 2011).

Através desses estudos, em que o modelo de Lamb et al. (1985) de envolvimento paterno é central, percebe-se que existem alguns aspectos em comum e que frequentemente têm sido discutidos. Por exemplo, o trabalho e a relação com a mãe do filho como limitadores ou facilitadores do envolvimento paterno, assim como a manutenção de uma divisão não igualitária de responsabilidades, sendo o pai provedor da família e a mãe cuidadora dos filhos. A interação também segue padrões antigos, quando o pai passa o tempo com o filho brincando ou disciplinando, e a mãe interagindo com o filho através do cuidado e da educação. No entanto, percebe-se uma movimentação paterna em busca de um maior envolvimento, demonstrando insatisfações em relação ao quanto tem-se envolvido com os filhos. Uma vez que se compreendem os determinantes e as consequências do envolvimento paterno ou da ausência deste, pode-se auxiliar os pais nessa transição de papéis, refletindo no desenvolvimento saudável do filho e em uma rica experiência paterna.

Outro aspecto importante a ser considerado nessas pesquisas é o método utilizado. Mesmo que importantes teóricos tenham sugerido que a pesquisa qualitativa seria essencial para um melhor entendimento do envolvimento paterno, os artigos internacionais usam predominantemente métodos quantitativos, baseados em diários e questionários. Por outro lado, a maioria das pesquisas nacionais têm priorizado métodos qualitativos, baseados, principalmente, em entrevistas e análise de conteúdo. Isso demonstra o interesse pelo aspecto processual das experiências paternas a partir das vivências individuais ou grupais e segundo a percepção dos próprios sujeitos (Souza & Benetti, 2009).

A partir da revisão apresentada, evidencia-se como o modelo de envolvimento paterno de Lamb et al. (1985) pode auxiliar no entendimento da experiência e prática da paternidade. Assim como os estudos nacionais e internacionais mostram-se embasados neste modelo, o presente estudo utilizará este referencial como base para o entendimento do fenômeno da paternidade. O modelo de Lamb et al. (1985) é indicado para ser utilizado de acordo com o contexto de interesse, considerando as contingências que afetam a constituição da paternidade. Neste sentido, a próxima seção apresenta as especificidades da situação de bebês que frequentam a creche e as nuances do envolvimento paterno neste contexto.

1.3. O Envolvimento Paterno com o Bebê que Frequenta Creche

A participação da mulher no mercado de trabalho tem sido sugerida frequentemente como uma das principais fontes de mudanças nos papéis parentais e no modo como a família se organiza. Entre outras modificações que este evento trouxe para as famílias e para a sociedade, a maior participação paterna e a necessidade de terceiros no cuidado e educação dos seus filhos tornaram-se as mais importantes (Hintz, 2001; Seabra, 2007; Vitória & Rossetti-Ferreira, 1993). Quando pai ou mãe trabalha, os cuidados do bebê são de responsabilidade da mãe em 65% das famílias, apenas 8% de responsabilidade do pai e 27% dos bebês ficam sob cuidados não-parentais (Van Duk & Siergers, 1996). Outras mudanças ambientais ocorridas nas últimas décadas, como a invenção de um arsenal de instrumentos, instituições e saberes para a criação dos filhos, transformaram o modo como pais e mães vivem a rotina com seu bebê (Dessen, 2010). Desde mamadeiras, produtos de higiene e alimentação específicos para bebês, brinquedos e jogos especiais, até mesmo a criação de um sistema de cuidados alternativos, foram constituídos para dar conta da complexidade e das exigências de ter um bebê na atualidade (Lamb et al., 1985).

Os cuidados alternativos têm um importante papel na vida de pais e mães, uma vez que, além da rotina de trabalho ser intensa para ambos, dificilmente poderão contar com a

família de origem para ajudar nos cuidados do bebê, opção mais utilizada quando a prioridade é deixar o bebê em casa (Seabra, 2007). Esta impossibilidade acontece pelo motivo de os avós estarem distantes geograficamente ou também pelo fato de que aquele modelo antigo de avós e tias disponíveis pela aposentadoria já não é realidade para a maioria das famílias (Lamb, 1999; Rapoport & Piccinini, 2004).

Entretanto, os cuidados alternativos aos da mãe, do pai ou da família extensa são necessários principalmente quando a mãe volta ao trabalho após um período de recuperação do parto e do período inicial de amamentação (Rapoport & Piccinini, 2004), ou quando a proteção legal da licença maternidade termina (Lordelo, 1997). Frente a estas questões, a opção de cuidado mais frequente no mundo ocidental passa a ser a creche (Lordelo, 1997; Rapoport & Piccinini, 2001). A creche faz parte do sistema de Educação Infantil, está associada ao Ministério da Educação e assegurada pela Constituição de 1988. A partir de 1996, a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Nacional estabeleceu a Educação Infantil como uma etapa da Educação Básica. Desde 2005, a creche é responsável pelas crianças de 0 a 3 anos e a pré-escola, pelas crianças de 4 a 6 anos incompletos. Foram estabelecidos pela LDB finalidades e objetivos próprios à educação infantil, enfatizando a formação de hábitos e o desenvolvimento psicomotor dos alunos (Seabra, 2007; Vitória & Rossetti-Ferreira, 1993). Neste sentido, a busca pela creche nem sempre é exclusivamente para cuidado, mas também para a socialização e aprendizagem do bebê e da criança pequena (Rapoport & Piccinini, 2004).

Na medida em que a creche é admitida como alternativa de criação e educação de crianças, ela tornou-se um objeto de discussão e de estudos que objetivavam avaliar seus efeitos no desenvolvimento infantil (Lordelo, 1997). Questiona-se se o ambiente da creche seria capaz de prover o tipo de cuidado requerido para uma criança, fatos que geram controvérsias entre pesquisadores sobre os benefícios da frequência precoce na instituição (Lordelo, 2002; Rapoport & Piccinini, 2004). Lordelo (1997) salienta os efeitos da creche no desenvolvimento social da criança: (a) tendência para maior orientação para pares e um aumento de agressão dirigida a pares e adultos, (b) menor tolerância à frustração, (c) maior engajamento em atividades motoras do que em atividades em áreas cognitivas, (d) maior assertividade, (e) menor sensibilidade à punição, entre outras.

Os efeitos da creche sobre o desenvolvimento do bebê vão depender tanto de fatores relacionados à própria criança como da qualidade da creche (Lordelo, 1997). Em relação a esse último fator, o tipo de profissional empregado e os currículos adotados pela creche irão comprometer a qualidade do ambiente escolar, assim como o desenvolvimento do bebê neste contexto. Quanto aos aspectos próprios do bebê, a classe social da qual faz

parte, a sua história de apego, a idade de entrada na creche e a intensidade dessa experiência são os fatores que vão afetar o seu desenvolvimento, juntamente com as características da creche (Lordelo, 1997).

Nesse sentido, a participação ativa e intensa do pai e da mãe na entrada e adaptação do bebê à creche, assim como em todo o período em que o filho estiver frequentando esta instituição, torna-se essencial para que não surjam problemas para o desenvolvimento do bebê (Vitória & Rossetti-Ferreira, 1993). O contato frequente da família com a creche pode promover situações complementares e significativas de aprendizagem e convivência que vão ao encontro das necessidades e demandas tanto das crianças como da escola e da família (Bhering & De Nez, 2002). O pai, como figura frequentemente distante e pouco participativa do cuidado com o bebê, torna-se importante e essencial neste cenário, uma vez que a mãe também está envolvida com suas questões profissionais e a creche precisa da colaboração da família para ser um ambiente adequado para o bebê.

Pode-se pensar em dois tipos de envolvimento do pai neste contexto: primeiro, o envolvimento paterno com o bebê que frequenta a creche e, segundo, o envolvimento do pai com a creche do filho e com as atividades que esta acrescenta na rotina da família. Apesar de parecerem questões distintas, separar o envolvimento que é dedicado à creche e o que diz respeito somente ao bebê se torna impossível, uma vez que o envolvimento com a creche pode refletir o envolvimento do pai com o bebê e vice-versa (Atkinson, 1987).

O envolvimento paterno tende a variar de acordo com as situações que são impostas à família, como separação conjugal e renda, e de acordo com as características da criança, como ser filho mais novo ou ter irmãos para compartilhar a atenção do pai (Parke, 1997). O fato de o bebê frequentar a creche pode ser um fator que também afeta o envolvimento do pai, uma vez que se caracteriza por um ambiente a mais, responsável pelo cuidado do bebê, com características e exigências próprias.

Sobre a produção nessa temática, foram encontrados 8 estudos sobre a participação do pai de bebês que frequentam e não frequentam creche (1 artigo), sobre a participação do pai na creche (cinco artigos) duas revisões ou reflexões que abordam este tema em específico. As buscas pela literatura foram realizadas na base de dados PsychINFO, IndexPsi e no Banco de Teses da CAPES, sem limite de data. No Anexo A estão descritas algumas informações sobre estes artigos. Os principais resultados desta produção serão expostos nesse momento e posteriormente discutidos, juntamente com os resultados do presente estudo. Cabe constar que as produções selecionadas incluem ao menos o pai como participante ou a paternidade como objeto de estudo, e dizem respeito à creche ou escolas para crianças pequenas.

No estudo de Crepaldi, Andreani, Hammes, Ristof e Abreu (2006), 27 mães de crianças que frequentam e não frequentam creche expuseram as suas opiniões sobre a participação paterna nos cuidados do filho. Enquanto 60% das mães de bebês que não frequentam creche descreveram os pais como participantes, 42% das mães de bebês que frequentam a creche relataram o mesmo. Para Crepaldi et al. (2006), esta diferença pode estar relacionada ao fato de que a mãe que não conta com a creche consegue compartilhar os cuidados do filho com o companheiro, enquanto que aquela que conta com a creche para cuidar do filho compartilha esta responsabilidade com a creche, eximindo o pai, ou este mesmo se exime das responsabilidades pelo cuidado.

A pesquisa apresentada fornece indícios de que o pai pode ter seu envolvimento com o filho afetado pela frequência ou não deste na creche. De acordo com esses dados, pode-se refletir sobre os motivos pelos quais os pais se envolvem mais ou menos com o bebê de acordo com a frequência na creche. Por um lado, o envolvimento do pai poderia aumentar em termos qualitativos e quantitativos, pois a creche exige que a família reorganize sua rotina acrescentando as atividades da creche como buscar, levar, estar disponível para conversas diárias com as educadoras e participar de reuniões formais. Além disto, o pai poderia considerar que o filho passou o dia em um local longe da família e que, por isso, necessitaria de uma dedicação maior quando volta para casa, fato que demandaria do pai maior envolvimento. Por outro lado, o pai pode, como na pesquisa de Crepaldi et al. (2006), deixar todas as atividades sob a responsabilidade da mãe e da creche, eximindo-se da sua parte na criação e na rotina do filho.

O estudo que aborda diretamente a participação do pai na creche dos filhos é de Atkinson (1987), sendo um artigo recorrentemente citado por outros que abordam o tema (Ceglowski, Shears, & Furman, 2010; Fagan, 1994, 1997). Participaram da pesquisa 39 mães e 24 pais de crianças com idade variando de poucos meses (não especificado) até 11 anos. Entre outros, os objetivos principais foram compreender (a) a quantidade de tempo despendida no trabalho, (b) a participação dos pais nos cuidados do filho em casa, (c) a interação do pai com as cuidadoras da creche e (d) a avaliação dos pais e das mães sobre o atendimento das necessidades próprias e dos filhos na creche. Os resultados foram expostos sempre comparando as respostas dos pais com as das mães.

Com relação à quantidade de tempo despendida no trabalho, os pais (62%) trabalham mais horas que as mães (38%), sendo que estas (54%) possuem mais flexibilidade para deixar o trabalho se a criança necessitar do que os pais (38%). Atkinson (1987) discute que há um equilíbrio de responsabilidades, no sentido de que os pais teriam

empregos que exigiriam maior responsabilidade, ao contrário das mães, as quais assumiriam maiores responsabilidades com o cuidado dos filhos.

Sobre as responsabilidades sobre o cuidado do bebê em casa, os pais se destacam em disciplinar os filhos e no suporte financeiro, enquanto as mães são responsáveis pelo cuidado físico e treinamento religioso. A respeito da creche, os pais participavam de diversas maneiras: (a) 83% dos pais participavam conversando com as cuidadoras, (b) 38% visitando a criança na creche, (c) 12% oferecendo suprimentos e equipamentos e (d) 8% participando de reuniões. Diretamente com a criança, os pais se envolviam buscando e levando o bebê na instituição (71%) e conversando com a criança sobre a sua experiência na creche (83%). Os pais também se envolviam em discussões com as mães sobre a creche (67%), deixar a criança pronta para ir à creche (67%) e cuidar da criança quando ela está doente e não pode ir para a creche (58%) (Atkinson, 1987).

Os itens indicados como mais importantes na qualidade da creche para pais (96%) e mães (87%) foram confiança e estabilidade no cuidado com as crianças, seguido de ter valores similares ao do pai e da mãe (ambos 79%), regras flexíveis (29% pais, 26% mães) e competência para discutir as experiências da criança na creche (17% dos pais, 26% das mães). Sobre o atendimento das necessidades do filho, a maioria dos pais (71%) e das mães (85%) pensam que a sensibilidade do cuidador para as necessidades da criança é o mais importante.

Em outro artigo, Atkinson (1991) discute os efeitos da participação paterna em outros membros do sistema de cuidados do filho (mãe e creches). A autora descreve como “lado positivo” (p. 122) a maior probabilidade de o pai reconhecer as habilidades e o conhecimento necessário para a qualidade dos centros de cuidado infantil se este participa das atividades de cuidado da criança. Para Atkinson (1991), ao entender a importância das creches, estereótipos negativos podem ser reduzidos, levando a um aumento no apoio do pai ao cuidado dos filhos. Como “desvantagens” (p.122), a atribuição das responsabilidades pelos cuidados infantis através da negociação poderia aumentar os níveis de conflito conjugal. Cada genitor sente que o outro deveria despender mais tempo cuidando da criança, sendo que as mães ficam ressentidas pelos pais serem valorizados por estar realizando uma tarefa cotidiana para o bebê (Atkinson, 1991).

Em estudo realizado por Fagan (1994), por meio de entrevistas com 28 casais sobre o seu envolvimento na creche durante um período de 5 semanas, os pais foram contatados em casa à noite e foram solicitados que falassem sobre o seu envolvimento com a creche naquele dia. Foi encontrada uma relação significativa entre o envolvimento dos pais e a distância do local de trabalho. Os pais e mães que trabalhavam menos de 10 quarteirões da

creche estavam mais envolvidos do que os pais que trabalhavam mais de 10 quadras. O *status* profissional também foi significativamente relacionado ao envolvimento, sendo que pais e mães com empregos de maior *status* eram menos envolvidos na creche. Controlada a variável distância do trabalho, encontrou-se que os pais era menos envolvidos com a creche do que as mães.

Na pesquisa de Fagan (1997), com 28 participantes, 10 pais e 18 mães, genitores de bebê com média de 11 meses de idade, foram realizadas 10 entrevistas por telefone, em um período de 5 semanas. As entrevistas buscavam saber (a) a quantidade de tempo que pais e mães destinavam para levar, buscar e visitar o bebê na creche, (b) atividades dos pais e mães relacionadas à creche e (c) os assuntos conversados com as educadoras na creche.

Ao comparar o quanto os pais e as mães buscam, levam e visitam os filhos na creche ao meio-dia, Fagan (1997) observou que não há diferenças em termos quantitativos entre pai e mãe em relação a quem leva o bebê na creche. Entretanto, as mães buscam o bebê duas vezes mais do que os pais. Os pais, assim como as mães, destinavam 15 minutos ao deixar e 15 minutos ao buscar o bebê na creche. O estudo considera que a distância entre a creche e o local do trabalho é o que determina qual dos cônjuges buscará e levará o filho à creche, sendo que quem trabalha mais perto, assume as tarefas, independente de ser o pai ou a mãe.

A atividade mais frequente do pai com a creche foi a comunicação com os cuidadores, sendo que os assuntos mais abordados foram (a) alimentação, (b) atividades das crianças na creche, (c) sono, (d) desenvolvimento motor, (e) humor, (f) relacionamento com colegas e (g) saúde (Fagan, 1997). Os assuntos abordados foram os mesmos que a mãe tratava com os profissionais, no entanto, a mãe se comunicava significativamente mais com os cuidadores do que o pai (Fagan, 1997).

O único trabalho nacional encontrado que enfoca a participação direta do pai com a creche é a tese de Seabra (2007). Foram realizados três estudos. O primeiro contou com 7 casais, entrevistados em dois momentos, aos 5 meses e 30 meses do filho, e objetivou compreender a experiência e prática da paternidade e participação do pai na creche do filho. Do segundo estudo participaram 115 pais, os quais responderam a uma escala de estilo paterno, cujas respostas foram posteriormente comparadas às respostas das mães. O terceiro estudo compreendeu a busca de registros de reuniões e festas de uma creche particular do Rio de Janeiro, a fim de verificar a presença de pais e mães em tais situações. O nível socioeconômico das famílias participantes era médio, todos moravam junto com seus filhos, sendo que pelo menos um filho frequentava a creche.

Em relação à participação na creche do filho, os pais se consideravam participativos, compartilhando atividades como buscar, levar, estar atento ao desenvolvimento do bebê, falar com as professoras e equipe diretiva sobre o filho (Seabra, 2007). Quanto à participação no processo de escolha da instituição, os pais colocam-se como participantes ativos na escolha, compartilhando com a companheira as observações sobre as opções de cuidados para o filho (Seabra, 2007). Assim como foi discutido anteriormente, os pais participantes da pesquisa de Seabra (2007) também alegaram que o trabalho impossibilitava que tivessem tempo disponível para maiores envolvimento com o bebê e com a creche. Tanto os pais que avaliaram a sua participação positivamente, quanto os que não participavam da vida escolar do filho, evidenciaram um desejo de maior participação. As mães também manifestaram este desejo, esperando que os pais pudessem ser mais presentes na rotina da creche (Seabra, 2007).

Quanto às atividades em que a creche solicitava a participação dos pais e mães, como reuniões pedagógicas, eventos sociais (festas), reuniões solicitadas pela direção ou pela própria família e tarefas de casa, os pais participantes da mesma pesquisa procuraram participar constantemente. No entanto, a responsabilidade por essas tarefas era da mãe. Apesar de haver abertura da instituição para a participação paterna e de os pais conhecerem os educadores da creche, os pais abdicavam de sua responsabilidade com o filho para a mãe (Seabra, 2007). Por serem mais esporádicos ou em horários alternativos ao trabalho, os eventos que os pais mais participavam foram as festividades escolares. Apesar de as mães manifestarem satisfação com esta participação, geralmente concordavam com as opiniões do pai em relação a pouca frequência com que ele participava das atividades da instituição, sendo que ambos desejavam que o pai participasse mais, embora a insatisfação maior fosse do próprio pai (Seabra, 2007).

Quanto à análise dos registros da creche sobre a participação do pai nas atividades escolares, a pesquisa de Seabra (2007) revelou que a média geral da participação paterna exclusiva ao longo dos semestres foi de 8%, enquanto a participação exclusiva da mãe chegou aos 49%. No entanto, quando se observa a participação de ambos, o percentual de presença paterna sobe para 43%. Assim, em mais de 50% das reuniões e eventos houve a participação paterna com ou sem a presença materna, o que pode indicar um interesse dos pais no que diz respeito à vida escolar dos filhos de 0 a 6 anos (Seabra, 2007).

Em relação à participação nas atividades da creche, nos eventos sociais, em apenas 20% deles houve apenas a presença da mãe, participando o pai (sozinho ou com a presença da mãe) em 80% dos eventos. Este alto índice de participação paterna em eventos sociais lembra um modelo antigo de paternidade em que o pai somente era convidado para os

eventos comemorativos da instituição, ou seja, pouco se esperava da participação paterna na educação diária na creche (Seabra, 2007).

Também se pode observar a participação paterna (sozinho ou com a presença da mãe) em 54% das reuniões solicitadas pela própria família com a psicóloga da creche. Os eventos no qual a participação materna exclusiva foi maior foram as reuniões pedagógicas coletivas (66%) e as reuniões pedagógicas individuais (60%). Outro dado interessante foi que a média de participação paterna sem a presença da mãe ainda era pequena: 3% nas reuniões com a psicóloga solicitadas pela instituição e nas reuniões pedagógicas individuais, 8% nas reuniões pedagógicas coletivas e nos eventos sociais e 14% nas reuniões com a psicóloga solicitadas pela família (Seabra, 2007).

O interesse dos pais nas reuniões com a psicóloga reflete o interesse do pai no desenvolvimento do filho, em conhecer e saber lidar com as diferentes fases da criança. Esta atitude demonstra aspectos contemporâneos do ser pai, pois, apesar de não ter como acompanhar o filho em todas as atividades, seu interesse pelo desenvolvimento possui um grande valor qualitativo para o bebê. Já a menor participação nas reuniões de caráter pedagógico talvez indique que esta área de conhecimento ainda não seja de grande interesse paterno, ou pode-se pensar também que talvez os pais ainda não se sintam autorizados para participar de encontros que há pouco tempo eram exclusivamente femininos, chamados em muitas instituições de “reunião de mães” (Seabra, 2007).

No que diz respeito às idades dos bebês, o estudo de Seabra (2007) observou que os pais tendiam a participar mais na creche quanto menor a idade do filho. A maior média (60%) de participação paterna (com ou sem a presença da mãe) ocorreu na faixa etária de 3 meses até doze meses e ao longo do primeiro ano. A partir desta idade a participação diminuiu gradativamente até chegar a faixa etária de 5 anos, quando a média de participação foi de 46%. Nas faixas etárias de 1 ano e 2 anos houve a maior média (10%) de participação paterna exclusiva. A explicação para essa gradativa diminuição na participação pode ser relacionada aos aspectos pedagógicos, na medida em que nos dois primeiros anos de vida da criança o foco maior da creche são os cuidados e o desenvolvimento de uma forma geral. A partir desta idade são mais enfocados os aspectos pedagógicos que são de pouco interesse dos pais (Seabra, 2007).

Diferente dos artigos anteriormente citados, o trabalho de Ceglowski et al. (2010) explorou as experiências de um pai solteiro em encontrar e manter o cuidado não-paternal para o filho por meio de um estudo de caso único, longitudinal. O pai foi acompanhado do ano 2000 ao ano 2002 em entrevistas realizadas de 4 em 4 meses. O estudo revela as dificuldades em encontrar uma creche e manter o filho nela, principalmente por problemas

na qualidade da instituição e dificuldades em pagar o cuidado. O pai solteiro relata que há a necessidade de contar com a ajuda da sua mãe, pois muitas vezes a creche não está aberta quando o pai está trabalhando ou quando o bebê está doente e não pode sair do trabalho.

O artigo de Frieman e Berkeley (2002) traz a reflexão sobre a relação dos educadores (geralmente mulheres) com os pais. O autor enfatiza que as educadoras devem estimular a participação dos pais, criando dispositivos para envolvê-lo nas atividades escolares, iniciando com a simples tarefa de ouvir o pai e passar as informações para ele, assim como é feito para as mães.

Com os estudos mencionados percebe-se tanto a importância de serem pesquisadas as questões que envolvem a paternidade e os cuidados não-parentais, assim como se pode visualizar que este é um tema que ainda requer aprofundamento. A partir desses dados, pode-se levantar a expectativa de que os pais irão se envolver com a creche, embora, segundo a opinião dos pais, a mãe possa ser a principal responsável pela interação. Espera-se que a distância de trabalho também possa contribuir na determinação de qual dos genitores terão maior envolvimento com a creche. Também se espera que o envolvimento do pai com o bebê passe por mudanças com a entrada deste na instituição.

Entender o envolvimento do pai através das dimensões propostas não é uma tarefa fácil, uma vez que as atividades se entrelaçam e podem representar mais de uma característica, como interação e responsabilidade. Porém, a fim de haver um melhor entendimento de como o pai tem-se envolvido com o bebê nos detalhes do dia-a-dia, utilizar um conceito integrado e seguido por vários estudiosos se torna importante. Com esta revisão pode-se perceber que o modelo de envolvimento paterno de Lamb et al. (1985) será útil para o estudo da paternidade na situação de creche, sendo esse um dos contextos mais importantes para o desenvolvimento infantil na atualidade.

1.4. Justificativa

Através das pesquisas sobre a paternidade e o envolvimento paterno revistas, percebe-se que, nos últimos anos, tem havido um amplo aprendizado em relação ao papel do pai no sistema familiar. Do ponto de vista psicológico, a família é considerada a matriz do desenvolvimento emocional e das características da estrutura psíquica (Solis-Ponton, 2004), e o modo como o pai afeta e é afetado pelas relações familiares tem recebido particular interesse. De um lado, a mãe é aquela que tem a possibilidade de gestar e é com ela que o bebê irá se relacionar de maneira intensa nos primeiros momentos de vida devido ao extremo envolvimento com a gestação, amamentação e devoção destinada ao bebê. Esta questão faz com que o pai se torne secundário não só para a mãe e, portanto, para o bebê,

mas também para os pesquisadores do desenvolvimento infantil e da família. Por outro lado, os papéis que o pai exerce com a mãe e com o bebê são de grande importância, tanto para as relações na família, como para o bebê e para o desenvolvimento de sua identidade como pai. Isto é percebido através do impacto positivo do envolvimento do pai com o bebê, uma vez que este vem compartilhando os cuidados frequentemente de exclusividade materna ao participar ativamente da criação do bebê e, também, ao proteger a relação inicial mãe-bebê (Souza & Bennetti, 2009). A importância de atentar para o pai advém tanto da questão de este ter sido excluído das pesquisas, como do fato de o pai ser importante para o desenvolvimento saudável do bebê e da família.

Nesse sentido, pesquisadores sugerem que contextos mais específicos de desenvolvimento infantil e de envolvimento paterno sejam investigados com profundidade (Cabrera et al., 1999; Crepaldi, et. al., 2006). Desta forma, o envolvimento paterno com bebês que frequentam a creche é considerado uma questão específica a ser estudada, uma vez que a creche é a alternativa de cuidado extracasa mais utilizada pelos pais ocidentais (Rapoport & Piccinini, 2004), o cuidado do pai com o bebê pode ser modificado pela frequência ou não deste na creche (Crepaldi et al., 2006), e também o ambiente da creche pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos bebês (Lordelo, 1997). Outro aspecto a ser considerado é o fato de as próprias instituições excluírem os pais das atividades e da rotina ligadas ao bebê. Isso se torna especialmente relevante quando se considera que o envolvimento paterno passa pelo contato com essas instituições.

Os cuidados alternativos podem incluir na dinâmica dos pais e mães um senso de maior equidade na divisão do cuidado e responsabilidades pelo bebê, uma vez que ambos precisam conciliar suas vidas profissionais e pessoais com o cuidado do bebê. Isso parece permitir aos pais perceberem-se como mais implicados nas decisões relacionadas ao bebê e à creche. Assim, o estudo do envolvimento do pai neste contexto possibilitará o entendimento dessa dinâmica entre o pai e a mãe do bebê e de como o pai tem se implicado nas decisões e na rotina da creche e do filho. Da mesma forma, investigar o envolvimento do pai durante os seis primeiros meses do bebê na creche possibilitará compreender o envolvimento antes da entrada do bebê e após este momento.

Ao estudar o envolvimento de forma longitudinal, é possível entender como a entrada na creche pode afetar o envolvimento do pai com seu bebê e a própria rotina pessoal e profissional. Uma grande parte dos estudos apresentados possui como foco o envolvimento do pai com a creche do bebê e não há investigações de como se dá o envolvimento do pai com o bebê que frequenta a instituição. No presente trabalho, busca-

se abarcar tanto o envolvimento do pai com o bebê que frequenta a creche, como o envolvimento paterno com a creche do bebê.

O estudo da paternidade através de um conceito integrado tem sido enfatizado a fim de se entender as dinâmicas desta vivência de maneira padronizada (Cabrera et al., 1999). Investir no estudo da paternidade através do modelo de envolvimento paterno proposto por Lamb et al. (1985), atentando para as peculiaridades do conceito, tem sido uma sugestão de pesquisadores da área e está sendo levado em consideração para a presente pesquisa. Além disto, desde a sugestão de Parke (1997), de que o envolvimento paterno fosse estudado qualitativamente, tem havido pouco interesse dos pesquisadores em abordagens qualitativas, mesmo que, de uma forma geral, o estudo da paternidade no Brasil tem sido pesquisado mais qualitativamente do que quantitativamente (Krob, Piccinini, & Silva, 2009; Piccinini et al., 2004; Silva & Piccinini, 2007; Souza & Bennetti, 2009). Justifica-se, desta forma, a escolha pelo método qualitativo e dos instrumentos selecionados para a presente pesquisa.

1.5. Objetivos

Este trabalho objetiva investigar as transformações no envolvimento paterno ao longo dos seis primeiros meses do bebê na creche. Pretende-se ainda compreender:

- A interação, responsabilidade e disponibilidade do pai ao bebê ao longo dos primeiros seis meses do bebê na creche;
- A interação, responsabilidade e disponibilidade do pai à creche ao longo dos primeiros seis meses do bebê na creche.

Capítulo II

Método

2.1. Participantes

Os pais participantes do presente estudo fazem parte da pesquisa intitulada “Impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo infantil: estudo longitudinal do primeiro ao segundo ano de vida da criança” – CRESCI. O projeto CRESCI tem como objetivo geral investigar o impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo de bebês do primeiro ao segundo ano de vida. Mais especificamente, a pesquisa objetiva comparar, ao longo desse período, crianças que frequentam e não frequentam a creche, buscando relacionar a qualidade dos ambientes institucional e familiar ao desenvolvimento infantil.

Participaram do presente estudo de dissertação de Mestrado quatro pais de bebês que ingressaram no berçário de uma creche universitária pública no ano de 2011. Todos participantes residem com a família (mãe, bebê e outros filhos, se tiver), são casados ou vivem em união estável com a mãe do bebê, possuíam entre 32 e 36 anos no momento da primeira fase de coleta de dados. Na Tabela 1 constam as informações sobre o pai, e na Tabela 2, os dados da família do pai. Os nomes foram alterados a fim de garantir a confidencialidade da identidade dos participantes.

Tabela 1

Dados demográficos dos pais

Caso	Pai	Idade	Escolaridade	Horas/dia de trabalho	Dias/semana de trabalho	Salário (R\$)
01	Mateus	32	Ensino Superior Completo	10	5 dias por mês	5 000,00
02	Solano	36	Ensino Superior Incompleto	8	5	3 000,00
03	Hermes	36	Ensino Superior Completo	8	5	5 000,00
04	Germano	34	Pós-Graduação	8	5	3 000,00

Tabela 2

Dados demográficos da família

Caso	Bebê	Idade do bebê na Fase 1	Pai	Mãe	Idade da mãe	Escolaridade da mãe	Tempo que o casal está junto	Renda Familiar
01	Carolina (Carol)	7 meses	Mateus	Gisele	32	Ensino Superior Completo	5 anos	7 500,00
02	Gustavo	6 meses	Solano	Fernanda	37	Ensino Superior Completo	10 anos	6 000,00
03	João Paulo	5 meses	Hermes	Denise	36	Ensino Superior Incompleto	4 anos	9 000,00
04	Luiz Otávio	6 meses	Germano	Letícia	32	Pós-Graduação	6 anos	5 500,00

2.2. Delineamento e procedimentos

A presente pesquisa teve caráter longitudinal e utilizou um delineamento de estudo de caso coletivo (Stake, 1994), buscando explorar o envolvimento de pais de bebês que estão na creche. O estudo de caso foi a estratégia escolhida por focalizar acontecimentos contemporâneos, não haver o controle de variáveis e por preocupar-se com o “como” do tema a ser estudado (Yin, 2005). A ideia de estudar quatro casos está associada à oportunidade de compreensão do fenômeno e não no critério de saturação (Barker, Pistrang & Elliot, 1994) e nem de replicabilidade (Yin, 2005). Foram selecionados os primeiros quatro pais participantes do projeto CRESCI.

Os pais foram contatados inicialmente na creche, durante entrevistas de rotina realizadas pelos profissionais na instituição. Nesta ocasião, foi realizada uma breve apresentação da pesquisa aos pais e os mesmos foram informados que no momento que o bebê ingressar na creche a pesquisadora retomaria o contato. No caso dos pais que não estiveram presentes neste primeiro momento, o convite foi feito através da mãe do bebê. Quando o contato foi retomado, os pais foram convidados a participar da pesquisa e, após o aceite, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B). Os pais que concordaram em participar do estudo foram vistos individualmente, na UFRGS ou na creche, em horário agendado previamente. O projeto de pesquisa foi apresentado à coordenação da creche e foi autorizada a realização da pesquisa na instituição.

O estudo envolveu três fases de coleta de dados. Na fase 1, que correspondeu a entrada do bebê na creche, o pai foi solicitado a preencher a Ficha de dados demográficos da família (NUDIF – UFRGS, 2011d) e a responder à Entrevista sobre a gestação, parto e a experiência de paternidade (NUDIF – UFRGS, 2011b). Esta fase foi realizada até um dia antes da entrada do bebê na creche, uma vez que se objetiva investigar como que o envolvimento paterno acontece antes do ingresso do bebê na instituição, permitindo comparar as transformações do envolvimento paterno antes e depois da creche.

Na fase 2, que corresponde ao final do primeiro mês de cada bebê na creche, o pai respondeu à Entrevista sobre a adaptação do bebê à creche – versão do pai (NUDIF – UFRGS, 2011a), uma vez que o foco desta fase foi o processo de adaptação do bebê à creche. Na fase 3, 6 meses após a primeira coleta, os pais responderam à Entrevista sobre o envolvimento paterno na rotina do bebê (NUDIF – UFRGS, 2011c), com a finalidade de acompanhar as transformações do envolvimento paterno no decorrer dos meses.

2.3. Instrumentos

Ficha de dados demográficos da família (NUDIF – UFRGS, 2011d): entrevista que objetiva obter informações demográficas como: (a) idade do pai, (b) existência de outros filhos, (c) moradia, (d) religião e (e) situação profissional (Anexo C).

Entrevista sobre a gestação, parto e a experiência da paternidade (NUDIF – UFRGS, 2011b): entrevista desenvolvida para investigar o envolvimento paterno, a experiência da paternidade, o apoio recebido e fornecido, o desempenho do papel paterno, as mudanças percebidas em si mesmo, na companheira, no casal e na rotina (Anexo C). Será uma entrevista estruturada, realizada de forma semidirigida, na qual o pai será solicitado a falar sobre diversos temas relacionados com a sua experiência como pai, como por exemplo, a notícia da gravidez (ex. “Como tu recebeste a notícia da gravidez?”) e a decisão pelo cuidado alternativo (ex. “Como foi feita essa escolha (por esta creche?)”) (Anexo D).

Entrevista sobre a adaptação do bebê à creche – versão pai (NUDIF – UFRGS, 2011a): investiga as impressões dos pais sobre como a criança está após a entrada na creche e sobre o envolvimento do pai nesse momento de adaptação, assim como as alterações na sua rotina com o bebê. Contém perguntas sobre a saúde, sono e alimentação do bebê (Anexo E).

Entrevista sobre o envolvimento paterno na rotina do bebê (NUDIF – UFRGS, 2011c): objetiva investigar o envolvimento paterno com o bebê após 6 meses de creche (Anexo F). Enfoca as atividades que o pai realiza com o bebê, com a creche, como também analisa como o pai está vivenciando atualmente a paternidade (sentimentos, preocupações).

2.4. Considerações éticas

Os participantes do presente estudo foram informados a respeito dos objetivos e procedimentos da pesquisa e puderam decidir livremente sobre a disponibilidade de participarem do estudo. Com isto, foi assegurada a autonomia dos pais que quiseram participar, sendo que puderam desistir de participar da pesquisa em qualquer etapa da mesma. A privacidade e a confidencialidade foram asseguradas, sendo que o material obtido por meio das entrevistas foi identificado por um código e devidamente arquivado no Instituto de Psicologia da UFRGS.

Este estudo adota os princípios éticos de beneficência e não maleficência, respeito e justiça sugeridos pelo Conselho Federal de Psicologia (Resolução Nº 016/2000). Assim, os participantes foram inicialmente informados que, durante o período que eles estivessem participando das entrevistas, os riscos aos quais estariam sujeitos seriam mínimos, uma vez que não estavam previstos danos físicos ou psicológicos, pois não foram adotados procedimentos invasivos. Além disto, se o pai se sentisse desconfortável com alguma questão, este poderia optar por não responder ou deixar de participar do estudo. O projeto CRESCI foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFRGS (Processo nº 2010070, de 06/12/2010).

Capítulo III

Resultados

Os dados obtidos a partir da transcrição literal das entrevistas paternas foram examinados por meio da análise de conteúdo qualitativa (Bardin, 1977; Laville & Dionne, 1999), buscando identificar, em cada caso, o envolvimento paterno na entrada do bebê na creche (por volta dos 6 meses de idade do bebê), na adaptação do bebê à creche e após 6 meses da entrada do bebê na creche (cerca dos 12 meses de idade do bebê). Particularmente, buscou-se investigar tanto as semelhanças quanto as particularidades entre os casos no que se refere à interação, disponibilidade e responsabilidade do pai com o bebê que frequenta a creche e com a instituição.

A partir da análise de conteúdo foram determinadas as categorias temáticas. A definição das categorias foi realizada de acordo com o modelo misto (Laville & Dionne, 1999), o qual sugere que as categorias sejam determinadas *a priori* com base na revisão de literatura, embora aceite modificações baseadas no conteúdo das entrevistas. Assim, as categorias pré-estabelecidas – Interação, Disponibilidade e Responsabilidade – basearam-se nas categorias de envolvimento paterno de Lamb et al. (1985) e as subcategorias foram formadas a partir da leitura das entrevistas e dos artigos sobre envolvimento paterno produzidos pelo Núcleo de Infância e Família (NUDIF), principalmente Henn e Piccinini (2010). A partir dessas fontes, organizou-se a seguinte estrutura de categorias: (a) Interação, subdivididas em Participação nas atividades e nos cuidados do bebê e Relacionamento pai-bebê, (b) Disponibilidade e (c) Responsabilidade.

A categoria Interação refere-se ao contato direto do pai com seu filho, através do cuidado e atividades compartilhadas. Foram incluídas nesta categoria as interações do pai com a creche que o bebê frequenta. A subcategoria Participação nas atividades e nos cuidados do bebê diz respeito aos cuidados, brincadeiras, passeios, estímulos, entre outras interações diretas do pai com seu filho. Já a subcategoria Relacionamento pai-bebê, refere-se à relação entre pai e filho, a percepção do pai sobre o desenvolvimento, personalidade do bebê e de si mesmo como pai. A categoria Disponibilidade é um aspecto relacionado à acessibilidade física e psicológica, o que oportuniza a interação com a criança. Este componente permite, mas não requer, uma interação face-a-face. A acessibilidade do pai para a interação com a creche. Também está incluída a categoria Responsabilidade, a qual se refere ao papel do pai de garantir que a criança seja cuidada e que os recursos estejam disponíveis para a criança. Responsabilidade também inclui ansiedade, preocupações e

planejamentos que fazem parte da parentalidade, incluindo assim a responsabilidade pelos cuidados alternativos do filho.

O relato dos casos foi realizado conforme a proposta de Yin (2005), que indica que o caso seja estruturado por categorias, eixos ou perguntas. Para casos coletivos, cada caso deve ser examinado à luz de cada categoria, haver uma síntese no final de cada caso e uma seção final de cruzamento geral dos casos. Neste último tópico, deve-se destacar as particularidades e semelhanças entre os casos. Desta forma, em cada fase, serão apresentados os resultados referentes a cada uma das categorias. De acordo com a análise de conteúdo qualitativa (Bardin, 1977; Laville & Dionne, 1999), elaborou-se indutivamente uma explicação do fenômeno a partir da análise das entrevistas de cada caso, bem como da relação entre os relatos, construindo um entendimento sobre a categoria de análise.

Em cada um dos casos, descreveu-se brevemente o histórico da gravidez, parto e primeiros dias e meses, assim como a experiência de paternidade no momento de coleta de dados. Após apresenta-se uma síntese dos achados para cada uma das fases de investigação no que se refere às categorias de análise. Em seguida, passa-se a uma análise longitudinal dos resultados do caso, considerando conjuntamente as três fases de investigação para cada uma das categorias e as eventuais relações entre elas. Com intuito de preservar a confiabilidade e privacidade dos participantes não será apresentada a seção de resultados.

A análise longitudinal dos quatro casos será apresentada no Capítulo IV, juntamente com a discussão desses dados, cujo destaque será oferecido aos aspectos comuns aos quatro casos investigados, assim como às particularidades destes no que se refere ao envolvimento paterno. Neste ponto, os resultados são organizados com base nas três grandes categorias de análise – Interação, Disponibilidade e Responsabilidade.

Capítulo IV

Discussão

Esta pesquisa investigou o envolvimento de pais de bebês que frequentam creche, nos períodos referentes à entrada, adaptação e 6 meses após a entrada na creche. Tratou-se de investigar as transformações nas três dimensões do envolvimento paterno (interação, disponibilidade e responsabilidade) ao longo do tempo com o bebê e com a creche. Anteriormente, por meio da análise longitudinal de cada caso, foram apresentadas as particularidades de cada eixo de análise – interação, disponibilidade e responsabilidade – utilizados na presente pesquisa. Neste capítulo, serão discutidos os eventuais aspectos que se mantiveram ao longo do tempo e as transformações do envolvimento paterno em seis meses de acompanhamento em cada categoria. A partir da análise dos resultados, pode-se dizer que dois principais aspectos relacionados às transformações no envolvimento do pai: (a) o desenvolvimento do bebê e (b) a entrada na creche. Desta forma, para fins de discussão, as categorias de análise de dados serão subdivididas em desenvolvimento e creche.

4.1. Interação

Ao longo do tempo, a interação pai-bebê se dava por meio de cuidados como dar banho, trocar fraldas, fazer dormir, dar mamadeira e por brincadeiras. Percebe-se que os pais se sentiam capazes de realizar os cuidados do bebê desde os primeiros banhos e trocas. Mesmo participando dos cuidados, durante os primeiros seis meses, a maioria deles foram realizados pelas mães, embora o pai compartilhasse tarefas como banho e trocas e ajudasse a mãe no que fosse solicitado, com exceção do caso 1. Na primeira fase, isto é justificado pela licença maternidade – enquanto a mãe está em casa e o pai está trabalhando – e pela exclusividade da amamentação. Com a volta do trabalho da mãe e com a entrada do bebê na creche, pai e mãe acabam ficando quase o mesmo tempo com o bebê, no final da tarde. Assim os cuidados passam a ser compartilhados entre eles, principalmente nos casos 1, 2 e 4. No caso 1, percebe-se que o pai interage com o bebê durante todo o tempo em que está com o mesmo, realizando as atividades sozinho e com a mãe quando esta está em casa. Já nos casos 2 e 4, percebe-se que pai e mãe compartilham dos cuidados do bebê quando chegam em casa e aos finais de semana. Em ambos os casos, o pai permanece com o bebê exclusivamente para que a mãe realize algumas atividades pessoais como assistir aula

(caso 2) e fazer psicoterapia (caso 4). O caso 3 difere-se por ser priorizado o estudo do pai ao invés do cuidado compartilhado, assim a interação do pai por meio do cuidado é limitada.

Desde a gestação, os pais têm participado da vida do bebê, realizando cuidados antes exclusivamente femininos (Piccinini et al., 2004). Pode-se dizer que esses cuidados, mesmo com quatro casos, mostram diferenças relevantes entre eles. O pai do caso 1 realizando a maioria dos cuidados da filha, os casos 2 e 4 compartilhando as atividades com a mãe quando ambos estão em casa e, no caso 3, o pai admite que não costuma realizar os cuidados do bebê. Essas maneiras de interagir com o bebê demonstram a variedade de práticas de paternidade, típica do momento que se vivencia atualmente (Bustamante & Trad, 2005; Gomes & Resende, 2004; Staudt & Wagner, 2008; Sutter & Bucher-Malischke, 2008).

O pai do caso 3 demonstra maiores resquícios de um estilo de paternidade tradicional, cujos objetivos de trabalho são prioridades para o marido. Demonstra também que este não tem plenas habilidades para lidar com o bebê (Fein, 1978), embora este relate que cuida do filho em alguns momentos. Os casos 2 e 4 parecem estar de acordo com a demanda atual da prática da parentalidade em que os genitores compartilham dos cuidados do bebê, mesmo que o pai se dedique mais para uma tarefa e a mãe para outra, desde que estas envolvam o bebê (Gomes & Resende, 2004; Wagner, Predebon, Mosmann, & Verza, 2005). Já o caso 1 sugere uma inversão de gênero em papéis tradicionais: o pai permanece em casa cuidando do bebê, assumindo a maioria dos cuidados e a mãe realiza atividades laborais fora de casa. Neste caso, o pai relata queixas típicas de mulheres que assumem sozinhas os cuidados diurnos do bebê em período de licença maternidade e para além deste – cansado, falta de tempo para si, conflitos conjugais (Wagner, 2005).

4.1.1. Aspectos relacionados ao desenvolvimento do bebê. O desenvolvimento do bebê, tanto emocional, como físico e cognitivo, parece possuir um impacto no tipo de interação que o pai estabelece com o bebê. No início, o fato de ainda serem amamentados (casos 2, 3 e 4) fazia com que o pai ficasse impossibilitado de cuidar exclusivamente por muito tempo, por não conseguir acalmar o bebê quando este estava com fome.

Mesmo não conseguindo sustentar o cuidado do bebê sozinhos por muito tempo, os pais apresentam sua forma de cuidar do bebê de maneira competente e segura de que sabem dar conta das necessidades do infante. Neste sentido, cabe citar o conceito winnicottiano de elemento masculino e feminino puro (1975). Segundo o autor, elemento feminino puro são as experiências de “ser” de um indivíduo. Essa experiência está no

início de tudo e trata das necessidades mais básicas da pessoa de sentir-se real, de ser real. Já o elemento masculino puro são as experiências do “fazer” relacionar-se com objetos da realidade exterior, possibilitado pelo amadurecimento do bebê. Para Winnicott, os elementos não possuem relação direta com o gênero, isto é, fazem parte da vida do homem e da mulher, embora a mulher guarde maior contato com o elemento feminino puro e o homem com o elemento masculino puro (Winnicott, 1975).

O autor afirma que a qualidade de ser materno está associada ao elemento feminino puro e que este é mais natural à mulher por esta vivenciar o estado de Preocupação Materna Primária (envolvimento total da mãe com seu bebê no início da vida), por gerar o filho dentro de si e pelo preparo social de ser mãe ao brincar com bonecas. Ao mencionar que o homem é capaz de exercer o papel materno no início da vida do bebê, acredita-se que ele o faz a partir do seu elemento feminino puro, bem como da experiência de ter sido um bebê cuidado por uma mãe (Fulgencio, 2007; Winnicott, 1975). O pai que exerce o cuidado do seu filho parece ter recuperado em si a capacidade de amar, acolher e cuidar, reprimido por um passado patriarcal, que enfatiza o “fazer”, negando ao homem a dimensão de “ser” própria do seu desenvolvimento humano (Sutter & Bucher-Malischke, 2008).

Como exemplo do contato do pai com o seu elemento feminino puro, um aspecto mencionado por todos participantes foi o “*estar/ficar com o bebê*”, que consiste em permanecer com o infante sem atividades específicas, estando atento apenas às necessidades iminentes do bebê (fome e sono). Solano (caso 2) refere-se a estes momentos como muito importantes para o bebê, em que o filho é apenas segurado, acalentado, acalmado. Hermes (caso 3) fala que o filho é um “*bebê de colo*”. Neste aspecto, a interação ganha profundidade, a qualidade de um *holding* materno.

Para Fulgencio (2007), o pai assumir a sua qualidade materna tem um custo para ele em termos de sua vida pessoal e de sua masculinidade. Isto pode ser visto de duas formas nos casos 1 e 3. O pai do caso 3 coloca-se, em seu discurso, em posição de ajuda à mãe, até mesmo subestimando o quanto faz pelo filho, o que poderia ser entendido como uma proteção da sua masculinidade (Bustamante & Trad, 2005). Ao mesmo tempo, o pai do caso 1, quando discorre sobre as tarefas maternas realizadas (“*eu sou uma mãe*”) e a grande disponibilidade para a filha, expressa claramente que este posicionamento tem afetado sua masculinidade frente aos demais.

Em alguns casos, os pais podem entender-se como coadjuvantes, apoiadores, ajudantes da mãe, colocando-a como centro no atendimento ao filho. Outros pais acreditam que podem compartilhar com a mãe os cuidados do bebê, ambos sentindo-se bem com

determinado posicionamento (Sutter & Bucher-Malischke, 2008). Pode-se relacionar estas distintas participações do pai na vida do filho de acordo com os aspectos de elemento feminino puro citados anteriormente. Talvez os pais que tendem a compartilhar com a mãe os cuidados do bebê estejam mais próximos de seu elemento feminino, dedicando-se a tarefas maternas (casos 1 e 4 são exemplos deste entendimento). Mais uma vez, não se trata do pai mimetizar os gestos femininos, mas sim colocar a sua experiência com o elemento feminino puro, vivenciado da sua maneira, na relação com o filho.

Além desses aspectos discutidos, deve-se levar em conta o determinante social do envolvimento paterno (Lamb et al., 1985). Atualmente, é aceitável que o pai possa exercer seu lado materno na relação com o bebê: cuidá-lo, levar passear, interagir com a creche, com o médico, preocupar-se com aspectos emocionais do bebê. No entanto, o pai ainda enfrenta barreiras tanto para obter credibilidade na esfera doméstica com relação à esposa (Staudt & Wagner, 2008), como para exercer a paternidade sem ferir a sua masculinidade (Bustamante & Trad, 2005).

Com relação à interação por meio de brincadeiras e passeios, os pais relatam satisfação em brincar com o bebê, criando brincadeiras para que o desenvolvimento do bebê seja estimulado, tais como ensinar a caminhar, a buscar objetos, a rolar, passear em meio à natureza. As falas dos pais sugerem que, ao brincar, os laços pai-bebê são aproximados, principalmente em brincadeiras motoras que envolvem o face-a-face ou corpo-a-corpo, sem a utilização de brinquedos, como beijar, fazer cócegas, jogar para cima, pular no colchão. O período do desenvolvimento emocional do bebê, como dito anteriormente, permite que o pai e o bebê engajem-se em interações que parecem próprias da dupla. Embora as atividades do pai não possam mais ser compreendidas como compostas exclusivamente de brincadeiras, o papel de socializador ainda é importante para o bebê (Silva & Piccinini, 2007). Inclusive, assim como o pai tem compartilhado as tarefas de cuidado com o bebê, as mães têm se envolvido com atividades lúdicas na mesma proporção que os pais (Monteiro et al., 2008).

Ao longo do tempo, os pais descrevem o jeito de ser do seu bebê, enfatizando as novas habilidades e as qualidades do infante, como ser tranquilo, bem-humorado, fácil de lidar, carinhoso. Descrevem a si mesmos de forma positiva como atenciosos e responsáveis. Os pais avaliam que entendem o que o bebê expressa e, inclusive, que o bebê manifesta o quanto gosta de estar com o pai.

O desenvolvimento físico e cognitivo do bebê é um fator importante para a relação pai-bebê, sendo que a qualidade desta torna-se cada vez melhor com o desenvolvimento e capacidade de se comunicar do filho (Silva & Piccinini, 2007). A participação paterna é

essencial para a qualidade da relação, pois quanto maior a participação, melhor a comunicação entre pai e filho, no sentido de haver sincronia na interação, marcada por um tom emocional positivo (Monteiro et al., 2008). Além do mais, os pais sentem satisfação com o contato físico e pela capacidade paterna deste de reconfortar o bebê (Monteiro et al., 2008).

4.1.2. Aspectos relacionados à entrada na creche. Com a entrada na creche, o relacionamento entre pai e filho se tornou mais intenso aos finais de tarde e finais de semana, pois os pais entendem que o bebê exige mais atenção nesses momentos e tentam recompensar o período em que estiveram afastados (casos 1, 2 e 3). Tal recompensa é mais bem descrita pelos pais dos casos 1 e 2, pois além da entrada na creche, os pais costumam fazer viagens a trabalho, sendo que ambos relatam a saudade sentida da criança.

Além disso, no caso 1 e no caso 4, os pais relatam que, no período de adaptação, sentiram-se afastados dos filhos. No caso 1, o pai percebe que perde o domínio sobre a rotina da filha pelo fato dos profissionais da creche não transmitirem as informações sobre o dia do bebê. Entende-se que a creche pode não ser um espaço aberto para o diálogo com os pais, com possibilidades de trocas, pois os educadores acreditam que já fazem o suficiente ao cuidar do bebê durante o dia (Bhering & De Nez, 2002). No entanto, esta percepção do pai evidencia o sofrimento sentido por este em ter perdido a intensa convivência que tinha com a filha quando esta estava em casa. Tal perda de informações parece significar um rompimento na relação inicial pai-bebê, o que o possibilitou que pudesse voltar a trabalhar e retomar seus planos.

Com relação à interação com a creche, esta se mostra um indicador importante do envolvimento paterno com as atividades do bebê. Em todos os casos, a mãe é a pessoa que possui a ligação formal com a creche por ser funcionária da instituição. Os pais interagem com a creche principalmente ao levar e/ou ao buscar a criança e ao conversar com as educadoras. Outras formas de interação são as conversas com outros profissionais da creche, como enfermeira, equipe diretiva, psicóloga e nutricionista, e também se envolver em reuniões de pais, como a mobilização que os genitores fizeram contra a troca de equipe da creche para o reitor da UFRGS. Tal interação pode ser vista em todos os casos, com exceção do caso 3, pai este que, em comparação com os outros, é o que menos se envolve em situações de interação com o bebê de forma geral.

As atividades relacionadas à escola do filho em que o pai participa estão de acordo com outros estudos nos quais o pai participava de diversas atividades tais como as mencionadas acima (Atkinson, 1987; Seabra, 2007). No estudo de Atkinson (1987), que

contou com 24 pais e 39 mães, 83% dos pais participam conversando com as cuidadoras e 71% buscando e levando o bebê na instituição. No presente estudo, os pais tendem a participar de uma forma geral, tanto em atividades rotineiras como em momentos especiais como festividades e reuniões, ao contrário do estudo de Seabra (2007), em que o pai participava significativamente mais das festividades do que das atividades cotidianas. Inclusive, o pai do caso 4 lamenta não poder participar da festa de aniversário do filho, ainda que busque o bebê todos os dias na creche. Com relação às atividades cotidianas, a comunicação com as educadoras é a atividade mais frequente do pai (Atkinson, 1987; Fagan, 1997), sendo a alimentação do bebê o assunto mais abordado (Fagan, 1997), assim como na presente pesquisa em que, em dois casos, a alimentação foi tema até mesmo de conflitos entre pai e escola.

Percebe-se que os pais participantes da presente pesquisa interagem com a creche de forma frequente seja diretamente, ao entrar em contato com a creche, como indiretamente, ao organizar o material a ser levado para a creche ou conversando com a mãe sobre as atividades do bebê na instituição. Os pais podem oferecer suporte indireto essencial para a mãe realizar os cuidados diretos com qualidade para o bebê, como preparar o bebê para ser levado à escola, embora esse tipo de atividade não seja reconhecido pelas mães (Atkinson, 1987). O estudo de Atkinson (1987) revelou que 67% dos pais conversam com a mãe sobre a creche, 67% deixam a criança pronta para ser levada à escola e 58% permanecem com o bebê quando este está doente ou a creche não está disponível.

Algumas atividades são realizadas em conjunto tais como participar de reuniões e arrumar as roupas do bebê; outras são realizadas exclusivamente pelo pai ou pela mãe, principalmente o buscar e o levar a creche, ou seja, um dos dois realiza esta atividade mesmo que possam alterná-la. Assim, na maior parte dos relatos, não foi observada um grande diferença entre as atividades realizadas pelo pai e pela mãe, em oposição ao estudo de Seabra (2007), em que o pai participava exclusivamente de 8% das atividades, enquanto a mãe participava de 49%.

4.2. Disponibilidade

4.2.1. Aspectos relacionados ao desenvolvimento do bebê. Observou-se que a disponibilidade dos pais alterou-se com o desenvolvimento do bebê e de sua capacidade de permanecer sozinho por alguns momentos. Com isso, os pais puderam estar apenas disponíveis para o infante e não em interação por todo o tempo. Os pais alegam que a

criança consegue ficar mais tempo brincando sozinha e, assim, os pais podem ficar ao lado do bebê fazendo outras atividades. O pai do caso 2 relata que estes momentos em que o bebê está brincando sozinho favorecem o contato íntimo do casal, principalmente por meio de conversas. Já no caso 3, o pai relata que, com o bebê na creche, o casal permanece sozinho em casa, possibilitando conversas e atividades exclusivamente conjugais.

4.2.2. Aspectos relacionados à entrada na creche. Com a creche, a disponibilidade do pai para outras atividades aumentou, o que pôde ser visualizado claramente no caso 1. Esse caso destaca-se dos demais pela grande disponibilidade que o pai apresenta para o seu bebê. A carga de trabalho caracteriza-se por poucos dias ao mês, sendo que o pai (do caso 1) costuma trabalhar em casa em projetos pessoais nos outros dias do mês. Nas fases posteriores à primeira, com a entrada do bebê na creche, o pai pôde retomar o trabalho de forma mais intensa, até mesmo fazendo viagens a trabalho. Constatase que o pai permitiu-se sair para trabalhar, tendo a creche como substituta do seu cuidado com a filha. Desde a primeira fase, o pai do caso 1 questiona a disponibilidade destinada à família como algo que prejudica a sua imagem enquanto homem e marido. A creche proporcionou ao pai que este pudesse retomar a sua vida enquanto trabalhador e pai. O trabalho tem um significado importante para o homem tanto para reforçar sua masculinidade, como por representar a provisão da família (Parke, 1997), enquanto ficar em casa, mesmo trabalhando, pode significar fracasso profissional e a desresponsabilização pela provisão da família.

Nos outros casos (2, 3 e 4), os pais trabalham integralmente, com uma pequena licença logo após o nascimento do bebê. Com a mãe em licença maternidade e o bebê em casa, os pais destinavam o tempo livre para estar com a família, cuidar do bebê e resolver assuntos referentes ao lar. Nos casos 2 e 3, estes períodos ficaram restritos aos almoços e finais de tarde, antes da entrada do bebê na creche. No caso 4, o pai destinava dois turnos que tinha para realizar trabalhos em casa para cuidar do bebê ou ir ao mercado, médico, entre outras atividades relacionadas ao bebê e à casa. Com a entrada do bebê na creche, o pai passou a dedicar o tempo em que a criança estava sendo cuidada pela creche para dedicar-se mais ao trabalho (caso 1, 2 e 4) e projetos pessoais (caso 3 e 4). Mesmo utilizando o tempo em que o bebê está na creche para dedicar a si mesmo, quando o pai está com o bebê nos finais de tarde ou finais de semana, consegue dedicar-se exclusivamente à criança, diferente do que acontecia antes do bebê ir à creche.

Embora o número de horas não seja o único indicativo de disponibilidade, ter tempo disponível é imprescindível para que a interação aconteça, associado à

disponibilidade emocional do pai (Lamb et al., 1985). Neste sentido, os pais gostariam de passar mais horas com o filho, sendo que na sua percepção, eles se dedicam 44,5 horas em média (enquanto a mãe diz que o pai dedica 46,5 horas), mas gostaria de estar com o bebê por 61 horas semanais (enquanto a mãe acredita que deveria ser em torno de 50 horas e 50 minutos) (Prado, Piavanotti, & Vieira, 2007). Esta diferença entre o que podem disponibilizar para o filho e o que gostariam pode ser o que faz com que os pais dediquem o final de semana para a interação com o bebê, em uma tentativa de compensar o tempo não convívio durante a semana.

Quanto à disponibilidade em relação à creche, observa-se que os pais mostram-se dispostos e acessíveis para interagir com as educadoras e outros profissionais da creche. Os pais, ao buscar e levar o bebê, mostram-se disponíveis para eventuais contatos. Segundo Fagan (1997), o fato dos pais destinarem cerca de 15 minutos tanto para buscar como para levar o bebê, demonstraria esta acessibilidade à instituição.

Os pais percebem que, com o bebê na creche e a mãe de volta ao trabalho – nem sempre com horários flexíveis como o do pai – torna-se necessário que alguém esteja disponível durante o dia caso a creche solicite a presença de um dos genitores, principalmente em caso de doença do bebê. Assim, percebe-se que os pais estão atentos para isso, sendo que se pode relacionar a sua maior disponibilidade também com a menor disponibilidade da mãe (Beltrame & Bottoli, 2010), embora a disponibilidade do pai não surja apenas como uma necessidade da mãe, mas como uma necessidade do filho, própria e da rotina doméstica (Sutter & Bucher-Malischke, 2008).

Pode-se compreender que a flexibilidade do trabalho do pai pode favorecer a disponibilidade ao filho e para a escola. Deste modo, percebe-se que a disponibilidade paterna para o filho é determinada, na maioria das vezes, pela demanda de trabalho (Silva & Piccinini, 2007), o que pode implicar em um dilema entre produzir e atender o filho (Beltrame & Bottoli, 2010). Este conflito fica claro nos pais que necessitam fazer viagens a trabalho (casos 1 e 2) ou dedicar-se aos estudos (casos 3 e 4), sendo que os pais gostariam de permanecer com o bebê, mas o trabalho impossibilita tal desejo.

Mesmo que o fato de exercer uma atividade laboral não seja uma explicação suficiente para o grau de envolvimento paterno, uma vez que ambos os genitores trabalham e o bebê está na creche (Monteiro et al., 2008), fica evidente que o tipo de trabalho exercido afeta a disponibilidade tanto do pai como da mãe. Com exceção do caso 3, nos outros casos, o genitor que assume o levar ou buscar o bebê na creche ou ainda estar disponível ao longo do dia, é o que possui um trabalho em que não exige horários fixos (casos 1 e 2), ou tem possibilidade de negociação com o chefe (caso 4). Atkinson (1987)

sugere que os pais possam combinar trabalho e papéis familiares por meio de uma flexibilidade maior em suas agendas de trabalho.

A disponibilidade dos pais participantes pode ser considerada maior do que pais que vivem em um modelo tradicional de paternidade (Beltrame & Bottoli, 2010). Isto pode ser explicado pela presença constante do pai desde a gravidez, pela participação deste no acompanhamento pré-natal e no parto, assim como no fato de residir com a mãe do bebê (Shannon, Cabrera, Tamis-LeMonda, & Lamb, 2009). Assim como foi mencionado anteriormente, o fenômeno chamado *engrossment* é ativado durante a participação do pai nesses momentos, o que liberaria o potencial para o envolvimento paterno (Greenberg & Morris, 1974).

Em estudo longitudinal (Shannon et al., 2009), pais que eram coabitantes com as mães de seus filhos exibiam declínios limitados na sua acessibilidade durante o período de 5 anos – 57% dos pais que tinham sido residentes no nascimento da criança permanecem acessíveis aos seus filhos até a entrada na pré-escola. Em contraste, apenas 12% dos pais que não moravam com as mães de seus bebês no nascimento do bebê permaneceram acessíveis até a entrada na pré-escola. Da mesma forma, ao analisar os padrões de acessibilidade baseados no envolvimento pré-natal, 65% dos homens comprometidos em apoiar a mãe durante a gravidez, discutindo a gravidez e acompanhando em consultas pré-natais, foram sempre acessíveis a seus filhos até a pré-escola. No entanto, apenas 14% dos pais que ainda estavam acessíveis a seus filhos na pré-escola, declaram não ter se envolvido no pré-natal (Shannon et al., 2009). Assim, percebe-se que a disponibilidade paterna para o bebê e para a creche pode ser uma continuidade da acessibilidade destinada anteriormente e também ao vínculo desenvolvido desde a gravidez da esposa.

4.3. Responsabilidade

Os resultados encontrados vão ao encontro, ao menos parcialmente, de outros achados que remetem à mãe como principal responsável pelo bebê, tanto em atividades diretas de cuidado (Monteiro, Fernandes, Veríssimo, Pessoa e Costa, Torres, & Vaughn, 2010), como indiretas (ir ao médico, levar/buscar na creche) (Atkinson, 1987; Monteiro et al., 2008). De fato, os próprios pais reconhecem que as mães são as principais responsáveis pelo cuidado direto, embora se sintam responsáveis por outras atividades importantes para o filho. Enquanto as mães se avaliam como responsáveis por 75% das atividades do bebê, os pais se reportam como um grau responsabilização de 80%, sendo elas: (a) apoio financeiro, (b) disciplina da criança, (c) recreação fora de casa, (d) brincar com a criança,

(e) desenvolvimento social, (f) conversar com a criança e (g) apoio emocional (Atkinson, 1987). Os dois primeiros itens foram ranqueados como as atividades realizadas principalmente pelo pai. As outras duas atividades (20%) – treinamento religioso e cuidados físicos – foram mencionadas como feitos principalmente pela mãe. Atkinson (1987) explica que o fato dos pais valorizarem o seu envolvimento advém da crença de que os homens avaliam a sua participação baseada nos tradicionais baixos níveis de participação paterna, enquanto as mães avaliam os pais em comparação com o seu próprio nível de responsabilidade.

4.3.1. Aspectos relacionados ao desenvolvimento do bebê. Percebeu-se que os pais compartilham mais os cuidados com a mãe depois que o bebê entrou na creche. Isso pode estar atrelado ao fato de ser inserida a alimentação sólida, além das mamadas. Inclusive, o crescimento do bebê facilita o manejo para o pai, o que pode também estar influenciando neste assumir responsabilidades.

Atualmente, além das tarefas de cuidado serem compartilhados com a mãe, acrescenta-se a responsabilidade em garantir que o filho tenha um desenvolvimento emocional saudável, sendo que os pais estão conscientes da sua contribuição para tanto, como visto nos casos. Com isto, percebe-se uma mudança qualitativa na relação pai-filho, pois esta não está baseada somente na provisão material e no pai como sinônimo de lei (Fulgencio, 2007), mas sim associadas a atividades ditas maternas, como se preocupar com os aspectos educacionais e emocionais (Freitas et al., 2009).

Com relação à responsabilidade do pai sobre seus comportamentos como afetando o desenvolvimento emocional do bebê, o pai entende que a sua relação com a esposa, principalmente as discussões, é um fator que deve ser considerado. Os pais dos casos 1, 3 e 4 tentam evitar brigas na frente do bebê ou que o bebê sinta que o casal não está se relacionando bem, entendendo que isso pode prejudicar o filho. O pai do caso 3 afirma que espera proporcionar um lar para o filho em que as pessoas estejam em paz. Esta observação vem da experiência do pai como filho, vivendo em uma casa em que era comum o pai e a mãe discutirem. Os aspectos relacionados à família de origem serão discutidos posteriormente.

O pai, juntamente com a mãe, são os únicos responsáveis pelo cuidado do bebê. Após o parto, os genitores preferem cuidar sozinhos do infante a contar com outras pessoas, com exceção do caso 3, em que o pai relata que precisou da ajuda da avó materna nos primeiros dias. Ao longo do tempo, o pai e a mãe continuam a ser os principais responsáveis pelo bebê, mas passam a contar com o auxílio de outras pessoas para o

cuidado do infante além da creche. A avó materna é a principal referência de cuidado, mesmo que o pai perceba que existam alguns aspectos que desaprovam na postura da avó. A combinação de cuidados formais, como a creche, com cuidados informais, como a avó, é uma alternativa comum para muitas famílias (Ceglowski et al., 2010), entretanto percebe-se um esforço para que o cuidado informal não seja necessário.

4.3.2. Aspectos relacionados à entrada na creche. Os pais assumem o cuidado dos filhos em momentos em que a mãe não está presente (diariamente no caso 1 e eventualmente nos outros casos), sendo que as atividades são compartilhadas (nos casos 2 e 4), de responsabilidade da mãe (caso 3) ou de responsabilidade do pai (caso 1). Percebe-se que com a entrada na creche, os pais passam a compartilhar de maneira mais frequente os cuidados do bebê e a responsabilizar-se por atividades relacionadas à creche.

No caso 4, especialmente, percebe-se que antes da entrada na creche e no período de adaptação há uma intensa necessidade do pai de sentir-se responsável por algumas atividades do bebê, a fim de ter mais contato com ele e de não permitir que a esposa centralize todas as tarefas do bebê. Isso se refletiu na relação do pai com a creche, sendo que o pai não se sentia reconhecido pelas educadoras como alguém interessado em informar-se sobre o bebê. Na segunda fase, o pai relata outra perspectiva em relação aos cuidados do bebê, assumindo responsabilidades importantes, como estar em licença para cuidar do filho doente, e ainda perceber que, na creche, tem sido valorizado. O pai luta por um lugar relevante na vida do filho e sente inicialmente que outras pessoas, mãe e educadoras, não permitem que este ocupe este lugar. Com a sua intensa preocupação e dedicação ao filho, o pai percebe que conseguiu alcançar um espaço importante e essencial na vida do bebê. Atkinson (1987) enfatiza que os profissionais devem reconhecer o pai como parte do sistema de cuidado da criança, provendo-o das informações necessárias sobre seu filho. Para tanto, as educadoras devem conhecer os aspectos que englobam a paternidade e entender a perspectiva paterna de cuidado (Frieman & Berkeley, 2002).

Outro aspecto que permeia a responsabilidade do pai é a transmissão de bons valores para o bebê e ser exemplo de pessoa. Mesmo o filho sendo um bebê, os pais acreditam que este é o momento de passar para os filhos o que é certo e o que é errado, principalmente através do seu exemplo como pessoa. Neste sentido, outra preocupação é quanto à educação do bebê, tanto em aspectos financeiros para pagar estudos, quanto em colocar limites e ensinar regras para o filho ainda bebê. Ser responsável, principalmente pelos aspectos financeiros e morais, tradicionalmente é uma atribuição paterna,

considerada até mesmo como um encargo social em garantir subsistência e proteção para a família (Freitas et al., 2009).

Quanto à creche, os pais dos casos 1, 2 e 4 responsabilizaram-se por buscar e levar o bebê na instituição. Antes da entrada, os pais participaram de reuniões para conhecer a creche, sendo que colocam-se ativos no processo de escolha (Atkinson, 1987, 1991; Ceglowski et al., 2010; Seabra, 2007), mesmo sendo uma creche pública, destinada aos servidores. Inicialmente preocupados, reação comum de pais de colocam seus filhos sob cuidado de terceiros (Rapoport & Piccinini, 2004; Vitória & Rossetti-Ferreira, 1993), os pais sentiram-se confiantes para deixar a criança sob cuidado das educadoras. Na fase de adaptação, algumas preocupações quanto à alimentação da criança surgiram (casos 1 e 2), o que fez com que os pais buscassem explicações com o setor de nutrição da creche, preocupados em garantir que fosse seguida a dieta do infante.

Os pais se preocupam com a qualidade do serviço oferecido pela escola para o seu bebê, sendo que, quanto mais envolvidos os pais estão, maior probabilidade de reconhecer as habilidades e conhecimentos necessários pra a qualidade da creche (Atkinson, 1991). Os aspectos que mais preocupam os pais são: (a) a sensibilidade para o atendimento das necessidades do filho (70%), (b) a segurança física da criança (37%) e (c) as oportunidades de aprendizagem a fim de tornarem-se autossuficientes (33%) (Atkinson, 1987). Para avaliar a creche, o pai tenta perceber se o filho está feliz e se gosta de ir para a creche (Atkinson, 1987), assim como a segurança e a abertura e frequência das comunicações com as cuidadoras (Ceglowski et al., 2010).

De modo geral, os pais relatam que estão satisfeitos com a qualidade da creche, os cuidados com o bebê e com o fato de a creche ter proporcionado que o pai voltasse a se dedicar para si mesmo e para a esposa. Pode-se relacionar esta última informação com o estudo realizado com mães sobre a participação dos pais nos cuidados dos filhos (Crepaldi et al., 2006). Este estudo revela que os pais de bebês que frequentam creche são menos participativos do que pais de bebês que não utilizam este cuidado alternativo. Pode-se associar a menor participação paterna ao fato de a família contar com um terceiro para responsabilizar-se pelos cuidados do bebê e, ainda, ao oportunizar que o pai possa dedicar a sua atenção a si mesmo e para as suas atividades laborais, antes destinada ao bebê, como visto no presente estudo.

Assim como no presente estudo, principalmente nos casos 1, 2 e 4, não há diferenças significativas em termos quantitativos entre o pai e mãe com relação a quem assume a responsabilidade de buscar ou levar o filho na creche (Fagan, 1997). Já o resultado de Seabra (2007) em que as mães são prioritariamente as responsáveis, é

compatível com o caso 3. Um fator importante que pode também explicar esses diferentes resultados é a distância entre a creche e o local do trabalho, ou o horário de início e fim do turno de trabalho. Estes aspectos os determinantes para a escolha de qual dos cônjuges buscará e levará o filho à creche, sendo que quem trabalha mais perto ou chega a tempo de buscar ou levar o bebê, assume as tarefas, independente de ser o pai ou a mãe (Fagan, 1994, 1997). Outro fator é o nível de exigência do trabalho, sendo que pais com empregos que exigem uma maior dedicação não conseguem se dedicar às atividades escolares do filho (Fagan, 1994).

Há também a preocupação com o bebê em romper com a rotina estabelecida em casa, inserindo-o em outro contexto. Os pais se preocupam com a separação da mãe com o bebê, mas também reconsideram que a creche será um local especializado em cuidado e desenvolvimento, além de proporcionar que a mãe retorne ao seu trabalho. Ademais, os pais se preocupam com o cansaço da mãe em cuidar do bebê e em permanecer o dia todo em casa.

4.4. Histórico dos casos

Esta seção, apesar de não fazer parte das categorias de análise, está aqui exposta e discutida, pois foi parte essencial para o entendimento longitudinal de cada caso, assim como para a compreensão de outros fatores que determinam o envolvimento paterno. O fator ecológico e psicossocial (Lamb et al., 1985; Pleck, 1997) de motivação ganhou destaque, principalmente quando se refere ao histórico de cada caso. Dessa forma, especialmente a percepção do pai sobre seu próprio pai e mãe, assim como a qualidade da relação conjugal, tornam-se importantes para o entendimento do envolvimento paterno.

O modo como o pai foi criado e a sua relação com sua família de origem parecem afetar a interação, disponibilidade e responsabilidade sobre o filho. Ao ser questionado como seus genitores eram como pai e mãe quando o pai era criança e o que o pai faria de diferente e o que repetiria, todos os casos puderam falar sobre suas experiências, exceto o caso 2, em que o pai tinha perdido a sua mãe recentemente e que convivera com seu pai pouco tempo. Entre o que gostariam de repetir da sua figura paterna, os pais citaram demonstrações de afeto, como tocar violão e contar histórias (caso 1) e ser trabalhador e prover a família (caso 3 e 4). Sobre o que não gostariam de repetir os pais se referem a brigas (caso 3) e traições (caso 4), dificuldades em administrar as finanças da família (caso 3), a adição em álcool (caso 1), ser pouco carinhoso com o filho (caso 4). Neste sentido, a percepção do pai sobre seus genitores pode afetar o modo como o pai se relaciona e se

envolve com o seu bebê. Com relação à própria mãe, todos os pais a citam como exemplo de pessoa, na qual se espelham para exercer a paternidade.

Percebe-se que a experiência do pai como filho tem sido importante para o pai, tanto para reviver na relação com o filho o que viveu com o seu próprio pai, como para se diferenciar deste, buscando não repetir o que trouxe sofrimento para a família. Entende-se que o pai ressignifica as vivências infantis com o próprio pai, obtendo um novo significado da relação pai e filho (Beltrame & Bottoli, 2010). A tentativa de ser diferente com o filho pode ser entendida como um ato reparador da sua história com o pai (Sutter & Bucher-Maluschke, 2008), ou seja, não se busca adotar uma atitude contrária do pai, mas aceitar os próprios sentimentos e ambivalência (Gomes & Resende, 2004). Frente à conduta paterna, a mãe do pai torna-se uma referência de amor e de responsabilidade (Gomes & Resende, 2004; Sutter & Bucher-Maluschke, 2008).

Quanto à qualidade de relação do casal, observa-se que os pais que relatam conflitos conjugais (casos 1 e 4) já tinham problemas relacionais anteriores ao nascimento do bebê. O pai do caso 4 relata que os problemas que possui com a esposa são antigos, enquanto no caso do primeiro pai, apreende-se que, antecedendo a gravidez, o casal vinha de um rompimento, em que o pai teve uma filha com outra mulher. Percebe-se que os casos que não relatam conflitos conjugais na fase 1 (casos 2 e 3), embora estejam sentindo-se insatisfeitos com algum aspecto do relacionamento, na fase 2 mostram sinais de que o casal está conseguindo voltar-se ao casamento, mesmo que ainda tenham que se dedicar ao bebê. Os pais que mostram maiores conflitos conjugais (casos 1 e 4) são aqueles que têm mais disponibilidade para permanecer com o bebê e, por isso, interagem mais com o filho. Nesse sentido, observa-se que pode haver associação entre o envolvimento do pai – principalmente a disponibilidade – e a qualidade da relação conjugal. A atribuição das responsabilidades pelos cuidados infantis através da negociação pode aumentar os níveis de conflito conjugal (Atkinson, 1991). Cada genitor sente que o outro deveria despender mais tempo cuidando da criança, sendo que as mães ficam ressentidas pelos pais serem tratados como “heróis” por estar realizando uma tarefa materna (Atkinson, 1991).

O estudo de Falceto et al. (2008) indica que os problemas de relacionamento de intensidade moderada e grave do casal, além do não envolvimento da mãe em trabalhos externos ao lar, são fatores de risco para o envolvimento do pai, sendo que a presença desses fatores diminuiria o envolvimento paterno. O que se percebe é que, ao contrário do estudo de Falceto et al. (2008), os pais com problemas conjugais estão intensamente envolvidos com os seus bebês. Para esta última autora, a mulher é quem oferece ou não o acesso do pai ao filho, sendo que, quando o casal está em conflito, a mãe barra o acesso do

pai ao bebê. Diante do envolvimento do pai, mesmo com conflitos com a mãe, pode-se levantar a hipótese de que o envolvimento paterno nem sempre pode ser barrado pela mãe nessas situações. O pai envolver-se com o bebê a despeito dos problemas no relacionamento do casal, pode indicar um envolvimento em resposta a esse conflito, utilizando a relação pai-bebê para isso.

No presente estudo, não há como identificar se o envolvimento paterno afeta ou é afetado pela qualidade da relação conjugal, ou, ainda, ambas as alternativas. O estudo de Silva e Piccinini (2007) destaca que, assim como no presente estudo, os pais estão satisfeitos com a esposa como mãe, e que a qualidade do relacionamento conjugal pode fazer com que o pai esteja psicologicamente presente por meio do discurso materno. Mesmo com as frustrações iniciais, consideradas típicas pela intensa dedicação da mãe ao bebê, o filho parece representar uma forte ligação do casal e também prioridade diante das necessidades pessoais, o que pode garantir a continuidade do casamento (Sutter & Bucher-Maluschke, 2008). Para Aberastuy (1992), caso o homem ou mulher não puderem superar sua rivalidade em relação ao filho, e sentem que ao dar afeto à criança estão impedindo que o outro o expresse, a consequência pode ser a inibição das suas funções como pais e mães.

Visto que a interação do pai com o bebê perpassa a díade mãe-bebê (Fulgencio, 2007), pode-se entender que o modo como o casal se relaciona afeta o acesso do pai ao bebê. No caso 1, pelos conflitos conjugais enfrentados, o pai não gostaria que o bebê permanecesse o dia todo com a mãe, pois acredita que o cuidado materno está afetado pelas divergências entre o casal e pela personalidade materna. Já no caso 4, as brigas pelo cuidado do bebê sugerem uma competição entre pai e mãe, sendo que o pai prefere ir a consultas médicas do bebê sozinho a ser acompanhado pela esposa, como descrito no caso. Nos casos 2 e 3, não surgiram conflitos conjugais nas entrevistas, apesar de os pais mencionarem que a mãe detém a maioria das tarefas com o bebê, acredita-se que o casal esteja organizado de maneira que ambos concordam com a divisão de tarefas.

Além da relação conjugal, uma potencial influência sobre o envolvimento do pai é em que medida as mães são favoráveis ou resistentes ao aumento da participação paterna, um fenômeno conhecido como *gatekeeper* (Parke, 1996). Esse posicionamento materno é considerado tanto uma resposta ao comportamento próprio do pai como um regulador do mesmo (Cannon, Schoppe-Sullivan, Mangelsdorf, Brown, & Sokolowski, 2008). Nesta etapa do desenvolvimento emocional, é imprescindível que a mãe possa abrir espaço para a inserção paterna na relação mãe-bebê com as suas características próprias (Fulgencio, 2007). Com a crença de que as mães desempenham melhor as tarefas de cuidado, os pais podem optar por ser mais ativos em outros domínios (Monteiro et al., 2008) ou, ainda, as

próprias mães podem incentivar pouco a participação paterna, visto que algumas mulheres podem considerar os maridos pouco competentes para tanto, o que pode ser visualizado no caso 4 (Monteiro et al., 2008; Sutter & Bucher-Malischke, 2008)

Capítulo V

Considerações Finais

Este estudo investigou o envolvimento de pais de bebês que frequentam creche, nos períodos referentes à entrada, adaptação e 6 meses após a entrada na creche. Foram discutidas as eventuais transformações nas três dimensões do envolvimento paterno (interação, disponibilidade e responsabilidade) ao longo do tempo. Pôde-se identificar a importância da creche na rotina da família como um local com o qual os pais e mães podem contar para o cuidado do seu bebê. Além disso, pôde-se perceber o envolvimento do pai com a instituição, por meio da interação, disponibilidade e responsabilidade relacionadas à creche. Inclusive, as transformações nessas três dimensões do envolvimento paterno com relação ao bebê também puderam ser compreendidas.

Como discutido anteriormente, observou-se que a creche e o desenvolvimento do bebê são aliados do pai no retorno às suas atividades, principalmente ao trabalho, atividade masculina central. A creche possibilita que o pai dedique o tempo em que o bebê está na instituição para realizar atividades pessoais, para ficar mais tempo no trabalho e, até mesmo, conseguir ficar somente com a esposa por algumas horas. Este mostrou ser um dos principais resultados deste estudo, sendo que a creche contribuiu para que o pai pudesse voltar-se às suas tarefas pessoais, especialmente ao trabalho. Em tempos de um envolvimento considerável do pai com o bebê, a creche pode ser entendida como um terceiro membro na relação pai-bebê, que libera o pai para a realidade do mundo externo (trabalho, relação conjugal). Para o homem, o trabalho é central em sua constituição, é através da atividade laboral que o homem encontra meios de prover a família e de sentir-se útil a ela.

A respeito do envolvimento paterno com a creche, ao contar com um cuidado alternativo, exige-se do pai que este se envolva com as atividades relacionadas à instituição, tais como se comunicar com as educadoras, buscar e levar o filho, arrumá-lo para ir à creche. A creche, diferente de outros cuidados alternativos, possui uma rotina que precisa ser seguida pelos pais e mães, a qual, de certa forma, exige que os genitores se envolvam com ela, como ter horários fixos para deixar e buscar o bebê, reuniões de pais, estar disponível para algum imprevisto. Entende-se que o envolvimento do pai em atividades indiretas, mas que dizem respeito ao filho, é um importante indicativo de como o pai se envolve com o próprio bebê (Atkinson, 1987). Além do mais, essas atividades

indiretas são essenciais para a execução das tarefas diretas, muitas vezes desempenhadas pela mãe (Atkinson, 1991).

Neste trabalho, faz-se a ressalva de que se trata do envolvimento paterno com bebês, especificamente com aqueles que iniciaram a utilizar os serviços da creche a partir do berçário. Como foi descrito, a partir dos 4 meses de idade do bebê, espera-se que este passe a viver o estágio de dependência relativa, momento da inserção do pai com seus aspectos paternos e maternos. Antes disso, acredita-se que o pai relaciona-se com o seu bebê de acordo com os aspectos maternos de interação. É no estágio de dependência relativa que a díade mãe-bebê abre espaço para outras relações e para aspectos da realidade, saindo da dependência absoluta e da ilusão inicial de onipotência vivida pelo bebê. Assim, o pai é convidado a entrar nessa relação, mantendo características já adquiridas, como o apoio à mãe e cuidados maternos, mas podendo inserir características próprias paternas.

Neste trabalho, destaca-se como motivação para o envolvimento paterno nesta etapa inicial, a necessidade de incluir aspectos próprios da interação paterna no desenvolvimento emocional do infante (Aberastury, 1992). Durante esse período caberá ao pai desempenhar diversos papéis como (a) continuar a sustentar a mãe, (b) implantar no ambiente os alicerces do sentido de família, segurança, estabilidade, firmeza, (c) ele ajudará a sua mulher a recuperar-se da dedicação absoluta ao bebê chamando-a para si e (d) estando presente no ambiente, ele será o primeiro modelo de integração frente à díade em simbiose. Será no decorrer deste período, que os aspectos paternos começarão a ser discriminados pela criança (Fulgencio, 2007), sendo que as falhas paternas podem ser tão graves quanto as maternas (Aberastury, 1992).

Com isso, evidencia-se que o envolvimento paterno deva ser, ao menos em parte, diferente do envolvimento da mãe com o seu bebê. Além dessas diferenças serem necessárias para o bebê em desenvolvimento (Aberastury, 1992), tem-se exigido do pai um envolvimento além de suas capacidades, desconsiderando que as diferenças são importantes para o enriquecimento das relações pai-mãe-bebê (Piccinini et al., 2004). Parece haver uma valorização pela literatura de aspectos de envolvimento paterno como o cuidado direto em detrimento do papel de apoio do pai em relação à mãe para que esta possa exercer a maternidade de modo tranquilo, sendo que ambas são essenciais para o bebê.

Compreende-se que o aumento da participação dos pais poderá acarretar tanto consequências positivas como conflituosas sobre alguns aspectos da vida familiar, podendo suscitar recursos para alguns problemas, como também criar novos problemas cujas

soluções necessitarão ser descobertas (Lewis & Dessen, 1999). Um desses problemas seria com o relacionamento conjugal, sendo que o presente estudo questiona qual seria o impacto do envolvimento paterno na relação conjugal.

Outro fator importante para o envolvimento do pai é o surgimento de novos valores de criação dos filhos (Dessen, 2010). A maneira de criar os filhos se transforma de acordo com a época em que se vive, sendo que o modo de ser pai está incluído nessas transformações. Um exemplo é a mudança de concepção sobre quem auxilia os genitores no cuidado com os filhos. A família passa de uma rede mais extensa de apoio para uma mais nuclearizada, fragmentada e privatizada (Dessen, 2010). Assim, a principal referência de sabedoria e de auxílio era a avó materna, com a ajuda de tias, vizinhas e irmãos mais velhos. Atualmente, prioriza-se o cuidado parental exclusivo e, quando necessário, recorre-se a um cuidado alternativo composto de pessoas capacitadas a partir dos preceitos científicos, como a creche. A indisponibilidade da família extensa (Lamb et al., 1985), o conhecimento sobre a importância da presença do pai e da mãe para o desenvolvimento infantil e a crença de que a estimulação cognitiva precoce será determinante para o sucesso do bebê enquanto adulto podem ser explicações para o exemplo proposto (Lordelo & Bichara, 2009).

Quanto ao estudo da paternidade por meio do conceito de envolvimento paterno de Lamb et al. (1985), pode-se fazer algumas considerações a fim de contribuir para futuras pesquisas. Como foi visto na introdução, o conceito de envolvimento paterno inicialmente utilizado para pesquisas quantitativas, neste estudo mostrou sua grande utilidade a fim de analisar qualitativamente a prática da paternidade. Cabe considerar que, mesmo que o conceito de envolvimento paterno seja incluído como uma dimensão prática, torna-se evidente que aspectos relacionados à experiência de paternidade emergem juntamente com a prática. Percebe-se que a prática da paternidade não surge dissociada de sua experiência como filho, como marido, como profissional e como ideal de pai. Neste sentido, cabe incluir em outras pesquisas os aspectos de experiência de paternidade baseadas também nas três dimensões de envolvimento paterno, como, por exemplo, quais são os sentimentos do pai em relação a sua interação, disponibilidade e responsabilidade referentes ao filho.

Enfatiza-se que este estudo possibilitou um espaço de escuta para o pai, em que este pode falar sobre sua experiência como pai, como filho e como marido, entre outros papéis que assume. Usualmente, as pesquisas sobre família e desenvolvimento infantil priorizam a participação de mães ou a opinião destas a respeito do pai. Neste sentido, foi entendido que, diferente de pesquisas anteriores, o presente estudo pôde contribuir com a perspectiva

paterna das transformações no seu envolvimento com o bebê que frequenta creche, além do seu envolvimento com a instituição.

Como limitações do estudo, ressalta-se que os participantes dessa pesquisa possuem um nível de escolaridade e uma renda familiar que os distancia da maioria da população brasileira. Pais com alto nível de escolaridade, assim como na presente pesquisa, tendem a se envolver mais com os filhos, contribuir mais no ensino didático, são mais afetivos e participam mais em atividades sociais do que pais com baixa escolaridade (Souza & Benetti, 2008). Embora a classe média e média-alta represente uma boa parte da população, os resultados encontrados não podem ser generalizados, pois dizem respeito à exploração do tema, servindo como aprofundamento teórico e para embasar outros estudos.

Algumas questões que não puderam ser respondidas neste estudo permanecem como sugestões para próximas investigações. Para compreender melhor as especificidades do envolvimento paterno com bebês que frequentam creche, poderia ser realizado um estudo comparativo com pais de bebês que permanecem em casa com a mãe, pai, babá e outros familiares. Ademais, acrescentar entrevistas realizadas com as mães poderia auxiliar na compreensão do envolvimento paterno na percepção da esposa sobre o marido e da dinâmica familiar.

Por fim, este estudo pôde contribuir para a compreensão do envolvimento de uma das figuras mais importantes para o desenvolvimento infantil – o pai. Investigar o envolvimento do pai com o seu bebê que frequenta a creche e com a própria creche torna-se essencial para a promoção de um melhor cuidado para as crianças (Ceglowski et al., 2010). Para tanto, é necessário entender o ponto de vista e as necessidades de todas as pessoas que são responsáveis pelo cuidado do bebê (Atkinson, 1987).

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. (1992). *A criança e seus jogos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Atkinson, A. M. (1987). Fathers' participation and evaluation of a family day care. *Family Relations*, 36(1), 146-151.
- Atkinson, A. M. (1991). Father's participation in day care. *Early Child Development and Care*, 66(1), 115-126.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições70.
- Barker, C., Pistrang, N., & Elliot, R. (1994). *Research methods in clinical and counseling psychology*. Chichester: John Wiley & Sons.
- Beltrame, G. R., & Bottoli, C. (2010). Retratos do envolvimento paterno na atualidade. *Barbarói*, 32, 205-226.
- Bhering, E., & De Nez, T. B. (2002). Envolvimento de pais em creche: possibilidades e dificuldades de parceria. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18, 63-73.
- Bolli, A. C. V. B. (2002). *O envolvimento paterno com o bebê na gestação e aos doze meses de idade*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Bornholdt, E. A., Wagner, A., & Staudt, A. C. P. (2007). A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica*, 19(1), 75-92.
- Bradt, J. O. (1995). Tornando-se pais: famílias com filhos pequenos. In B. Carter & M. McGoldrick, *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (pp. 206-222). Porto Alegre: Artmed.
- Bustamante, V., & Trad, L. A. B. (2005). Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: um estudo etnográfico com famílias de camadas populares. *Cadernos de Saúde Pública*, 21(6), 1865-1874.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Lamb, M. E., & Boller, K. (1999). *Measuring father involvement in the early Head Start evaluation: A multidimensional conceptualization*. Paper presented at the National Conference on Health Statistics.
- Cannon, E. A., Schoppe-Sullivan, S. J., Mangelsdorf, S. C., Brown, G. L., & Sokolowski, M. S. (2008). Parent characteristics as antecedents of maternal gatekeeping and fathering behavior. *Family Process*, 47(4), 501-519.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: ArtMed.
- Castoldi, L. (2002). *A construção da paternidade desde a gestação até o primeiro ano do bebê*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Ceglowski, D., Shears, J., & Furman, R. (2010). "I want child care he's gonna be happy in": a case study of a father's child care experience. *Early Education and Development*, 21(1), 1-20.

- Conselho Federal de Psicologia (2000). Resolução para pesquisa com seres humanos. Brasília.
- Crepaldi, M. A., Andreani, G., Hammes, P. S., Ristof, C. D., & Abreu, S. R. (2006). A participação do pai nos cuidados da criança, segundo a concepção de mães. *Psicologia em Estudo, 11*(3), 579-587.
- Dantas, C., Jablonski, B., & Féres-Carneiro, T. (2004). Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos após separação conjugal. *Paidéia, 14*(29), 347-357.
- Dessen, M. A. (2010). Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. *Psicologia: Ciência e Profissão, 30* (número especial), 201-219.
- Dessen, M. A., & Lewis, C. (1998). Como estudar a “família” e o “pai”? *Paidéia, 8*, 105-121.
- Fagan, J. (1994). Mother and father involvement in day care centers serving infants and young toddlers. *Early Child Development and Care, 103*(1), 95-101.
- Fagan, J. (1997). Patterns of mother and father involvement in day care. *Child & Youth Care Forum, 26*(2), 113-126.
- Falceto, O. G., Fernandes, C. L., Baratojo, C., & Giugliani, E. R. J. (2008). Fatores associados ao envolvimento do pai nos cuidados do lactente. *Revista de Saúde Pública, 42*(6), 1034-1040.
- Fein, R. A. (1978). Research on fathering: social policy and an Emergent perspective. *Journal of Social Issues, 34*(1), 122-135.
- Fleck, A. C., & Wagner, A. (2003). A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo, 8*, 122-135.
- Freitas, W. M. F., Coelho, E. A. C., & Silva, A. T. M. C. (2007). Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. *Cadernos de Saúde Pública, 23*(1), 137-145.
- Freitas, W. M. F., Silva, A. T. M. C., Coelho, E. A. C., Guedes, R. N., & Costa, A. M. T. (2009). Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Revista de Saúde Pública, 43*(1), 85-90.
- Frieman, B. B., & Berkeley, T. R. (2002). Encouraging fathers to participated in the school experiences of young children: the teacher's role. *Early Childhood Education Journal, 29*(3), 209-213.
- Fulgencio, C. D. R. (2007). *A presença do pai no processo de amadurecimento: um estudo sobre D. W. Winnicott*. Dissertação de mestrado não publicada. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Genesoni, L., & Tallandini, M. A. (2009). Men's psychological transition to fatherhood: an analysis of the literature: 1989-2008. *Birth, 36*(4), 305-317.

- Goetz, E. R., & Vieira, M. L. (2009). Percepções dos filhos sobre aspectos reais e ideais do cuidado parental. *Estudos de Psicologia*, 26(2), 195-293.
- Gomes, A. J. S., & Resende, V. R. (2004). O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 119-125.
- Goodman, J. H. (2005). Becoming an involved father of an infant. *JOGNN*, 34(2), 190-200.
- Greenberg, M., & Morris, N. (1974). Engrossment: the newborn's impact upon the father. *American Journal Orthopsychiatric*, 44(4), 520-531.
- Henn, C. G. (2007). *O envolvimento paterno e a experiência da paternidade no contexto da Síndrome de Down*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Henn, C. G., & Piccinini, C. A. (2010). A experiência da paternidade e o envolvimento paterno no contexto da Síndrome de Down. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26, 623-631.
- Hintz, H. C. (2001). Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade. *Pensando Famílias*, 3, 8-19.
- Hohmann-Marriott, B. (2011). Coparenting and father involvement in married and unmarried coresident couples. *Journal of Marriage and Family*, 73, 296-309.
- Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade. In L. Solis-Ponton, *Ser pai, ser mãe: parentalidade, um desafio para o terceiro milênio* (pp. 47-52). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Jain, A., Belsky, J., & Crnic, K. (1996). Beyond fathering behaviors: types of dads. *Journal of Family Psychology*, 10(4), 431-442.
- Krob, A. D., Piccinini, C. A., & Silva, M. R. (2009). A transição para a paternidade: da gestação do segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP*, 20(2), 269-291.
- Lamb, M. E. (1999). Parental behavior, family processes, and child development in nontraditional and traditionally understudied families. In M. E. Lamb, *Parenting and child development in "nontraditional" families* (pp. 1-14). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal behavior in humans. *American Zoologist*, 25(3), 883-894.
- Larossa, R. (1988). Fatherhood and social change. *Family Relations*, 37(4), 451-457.
- Laville, C., & Dione, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lima, J. A. R. (2008). *O tempo e as formas de envolvimento do pai em tarefas de socialização dos filhos em idade pré-escolar*. Anais do 1º Congresso Internacional em Estudos da Criança. Braga, Portugal.

- Lordelo, E. R. (1997). Efeitos da experiência de creche no desenvolvimento da criança: uma revisão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 13(2), 221-229.
- Lordelo, E. R. (2002). Interação social e responsividade em ambientes domésticos e de creche: cultura e desenvolvimento. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 343-350.
- Lordelo, E. R., & Bichara, I. D. (2009). Revisitando as funções da imaturidade: uma reflexão sobre a relevância do conceito na Educação Infantil. *Psicologia USP*, 20, 337-354.
- Manfroi, E. C., Macarini, S. M., & Vieira, M. L. (2011). Comportamento parental e papel do pai no desenvolvimento infantil. *Revista Brasileira do Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 21(1), 59-69.
- Minuchin, S. (1982). *Um modelo familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Monteiro, L., Fernandes, M., Veríssimo, M., Pessoa e Costa, I., Torres, N., & Vaughn, B. E. (2010). Perspectiva do pai acerca do seu envolvimento em família nucleares: associação com o que é desejado pela mãe e com as características da criança. *Revista Interamericana de Psicología*, 44(1), 120-130.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 3(26), 395-409.
- Núcleo de Infância e Família - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011a). *Entrevista sobre a adaptação do bebê à creche – versão pai*. Instrumento não publicado.
- Núcleo de Infância e Família - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011b). *Entrevista sobre a gestação, parto e a experiência da paternidade*. Instrumento não publicado.
- Núcleo de Infância e Família - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011c). *Entrevista sobre o envolvimento paterno na rotina do bebê*. Instrumento não publicado.
- Núcleo de Infância e Família - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011d). *Ficha de dados demográficos da família*. Instrumento não publicado.
- Parke, R. D. (1997). *Fatherhood*. Cambridge: Harvard University Press.
- Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. C. S. L., & Tudge, J. (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 303-314.
- Pleck, J. H. (1997). *Paternal Involvement: levels, sources and consequences*. New York: John Wiley & Sons.
- Prado, A. B., Piavanotti, M. R. A., & Vieira, M. L. (2007). Concepções de pais e mães sobre comportamento paterno real e ideal. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 41-50.

- Rapoport, A., & Piccinini, C. A. (2001). O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), 81-95.
- Rapoport, A., & Piccinini, C. A. (2004). A escolha do cuidado alternativo para o bebê e a criança pequena. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 497-503.
- Saleh, M. F., & Hilton, J. M. (2011). A comparison of the paternal involvement of low-income fathers in four development stages: adolescence, young adult, adult, and midlife. *The Family Journal*, 19(1), 47-55.
- Santos, M. C., Caldana, R. H. L., & Biasoli-Alves, Z. M. M. (2001). O papel masculino dos anos quarenta aos noventa: transformações no ideário. *Paidéia*, 11(21), 57-68.
- Seabra, K. C. (2007). *A paternidade em famílias urbanas: análise da participação do pai na creche-escola e nos cuidados com os filhos*. Tese de doutorado não publicada. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Shannon, J. D., Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C., & Lamb, M. E. (2009). Who Stays and Who Leaves? Father Accessibility Across Children's First 5 Years. *Parenting: Science and Practice*, 9(1), 78-100.
- Silva, M. R. (2003). *Sentimentos sobre a paternidade e envolvimento de pais que residem e pais que não residem com seus filhos*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Silva, M. R. (2007). *Paternidade e depressão pós-parto materna no contexto de uma psicoterapia breve pais-bebê*. Tese de doutorado não publicada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 561-573.
- Solis-Ponton, L. (2004). *A construção da parentalidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Souza, C. L. C. (2008). *Paternidade e desemprego: características do envolvimento paterno e aspectos do relacionamento familiar*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- Souza, C. L. C., & Benetti, S. P. C. (2008). Paternidade e desemprego: características do envolvimento paterno e aspectos do relacionamento familiar. *Contextos Clínicos*, 1(2), 61-71.
- Souza, C. L. C., & Benetti, S. P. C. (2009). Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paidéia*, 19(42), 97-106.
- Stake, R. E. (1994). *Identification of the case*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Staudt, A. C. P. (2007). *Novos tempos, novos pais? O ser pai na contemporaneidade*. Dissertação de Mestrado não publicada. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

- Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 174-185.
- Sutter, C., & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2008). Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. *Psico*, 39(1), 74-82.
- Tamis-LeMonda, C. S., Kahana-Kalman, R., & Yoshikawa, H. (2009). Father involvement in immigrant and ethnically diverse families from the prenatal period to the second year: prediction and mediating mechanisms. *Sex Role*, 60, 496-509.
- Teykal, C. M., & Rocha-Coutinho, M. L. (2007). O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho. *Psico*, 18(3), 262-268.
- Trindade, Z. A. (1993). As representações de sociais e o cotidiano: a questão da maternidade e paternidade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9(3), 535-543.
- Van Duk, L., & Siergers, J. J. (1996). The division of child care among mothers, fathers e nonparental care providers in Dutch two-parents families. *Journal of the Marriage and the Family*, 58, 1018-1028.
- Vitória, T., & Rossetti-Ferreira, M. C. (1993). Processos de adaptação na creche. *Cadernos de Pesquisa*, 86, 55-64.
- Wagner, A. (2005). *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), 181-186.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1983). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. Original publicado em 1963.
- Winnicott, D. W. (1999). O conceito de indivíduo saudável (pp. 3-22). In: D. W. Winnicott. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. Original publicado em 1967.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. (3ª ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Yoshihara, C. (2008). *Qualidade de vida e envolvimento paterno em crianças e adolescentes com transtorno do desenvolvimento*. Dissertação de Mestrado não publicada. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

ANEXOS

ANEXO A

PRODUÇÕES ACADÊMICAS REFERENTES À PATERNIDADE E CRECHE

Autores/ano	Nacionalidade do estudo	Participantes	Idade do filho	Objetivo	Método
Atkinson (1987)	EUA	39 mães e 24 pais	Meses até 11 anos	Compreender a quantidade de tempo despendida no trabalho, a participação dos pais nos cuidados do filho em casa, a interação do pai com as cuidadoras da escola e a avaliação dos genitores sobre o atendimento das necessidades próprias e dos filhos na escola	Quantitativo (questionário e escalas)
Atkinson (1991)	EUA	-	-	Revisar os efeitos da participação paterna em outros membros do sistema de cuidados do filho (mãe e escolas)	Revisão
Ceglowski, Shears e Furman (2010)	EUA	1 pai	Dos 2 aos 4 anos do filho único	Explorar as experiências de um pai solteiro em encontrar e manter o cuidado não-paternal para o filho	Qualitativo (estudo de caso único)
Crepaldi, Andreani, Hammes, Ristof e Abreu (2006)	Brasil	27 mães	3 anos e 4 meses (média)	Investigar percepção da mãe sobre a participação paterna em grupos de crianças que frequentam creche e crianças que estão na espera por uma vaga	Quantitativo (análise de frequência)
Fagan (1994)	EUA	28 casais	4 a 19 meses	Participação de pais e mães nos cuidados e na creche	Quantitativo (questionários)
Fagan (1997)	EUA	10 pais e 18 mães	11 meses (média)	Investigar a quantidade de tempo que pais e mães destinavam para levar, buscar e visitar o bebê na creche, atividades dos	Quantitativo (questionários)

pais e mães relacionadas à creche e os assuntos conversados com as educadoras na creche					
Frieman e Berkeley (2002)	EUA	Não há especificação	Não há especificação	Argumentar o papel das educadoras em encorajar a participação paterna	Não há especificação
Seabra (2007)	Brasil	Estudo 1: 7 casais Estudo 2: 115 pais Estudo 3: registros de presença dos pais em eventos escolares	Estudo 1: 0 a 3 anos Estudo 2: 0 a 6 anos Estudo 3: 0 a 6 anos	Estudo 1: compreender a experiência, prática e participação do pai na escola do filho. Estudo 2: investigar o envolvimento e comportamentos paternos Estudo 3: verificar a presença de pais e mães em reuniões e festas escolares	Qualitativo-quantitativo (entrevistas, escalas e consulta a documentos)

ANEXO B

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Programa de Pós-graduação em Psicologia

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Informado

Pelo presente consentimento, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos de coleta dos dados do presente projeto de pesquisa que tem como objetivo acompanhar durante doze meses o desenvolvimento sócio emocional e cognitivo de bebês que frequentam e não frequentam creche. A pesquisa envolverá quatro fases de coletas de dados: ingresso do bebê na creche, um mês, seis meses e doze meses após o ingresso na creche, quando os pais serão convidados a responder entrevistas. O local das entrevistas, número de encontros e a sua duração serão combinadas entre pesquisadores e participantes, levando em consideração o melhor interesse dos mesmos. Esses procedimentos poderão ser realizados tanto no Instituto de Psicologia – situado à Rua Ramiro Barcelos, 2600 – como na própria residência das participantes ou na creche do bebê se assim o preferirem. A coleta de dados será organizada de modo a evitar custos aos participantes. No entanto, quando necessário, será oferecido auxílio para transporte e alimentação. Acredita-se que as entrevistas permitirão aos participantes refletirem acerca de suas vivências e sentimentos nesse momento do desenvolvimento do filho e que isso poderá trazer algum benefício para eles. No entanto, visto que serão abordadas questões íntimas que podem gerar algum desconforto, caso seja necessário, os participantes poderão ser encaminhados à Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS, se assim o desejarem. Tenho o conhecimento de que receberei a resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa. Poderei obter tais esclarecimentos com a equipe de pesquisa ou com o Comitê de Ética do Instituto de Psicologia pelo fone 3308-5698. Minha participação é voluntária e terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isso traga prejuízo ao atendimento prestado a meu filho(a) nesta instituição.

Entendo que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas a minha privacidade. Tenho ciência de que uma via deste documento será fornecida a mim. Eu, _____, concordo em participar deste estudo.

Os pesquisadores responsáveis por este projeto são o Prof. Cesar Piccinini e as doutorandas Scheila Becker e Gabriela Martins, que poderão ser contatados pelo Tel: 3308-5058 e e-mail: cresci.ufrgs@gmail.com. Endereço para contato: Rua Ramiro Barcelos, 2600 - Bairro Santa Cecília - Porto Alegre.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura da(o) Participante

Data: ___ / ___ / _____

ANEXO C

FICHA DE DADOS DEMOGRÁFICOS DA FAMÍLIA

(Projeto CRESCI; NUDIF – UFRGS, 2011)*

I. Eu gostaria de algumas informações sobre você e o teu companheiro:

Mãe do bebê (Cód. identificação):.....

- Idade:..... Escolaridade (anos concluídos):.....
- Religião:..... Praticante: () sim () às vezes () não
- Local de nascimento?
- Onde viveu a maior parte da vida: () capital () cidade do interior () Zona rural (vila, sítio) Município:.....
- Estado Civil: () casada; () solteira; () separada; () viúva; () com companheiro
- Número de filhos teus:..... Enteados:.....
- Filhos teus com atual companheiro (incluir sexo – M ou F e idade):
Vive junto:; Não vive junto:
- Filhos teus com outro companheiro (incluir sexo – M ou F e idade):
Vive junto:; Não vive junto:
- Moras com o pai do bebê? sim () não () Se sim: Desde quando?
- Quem mais mora na casa? (incluir parentesco e idade):
- Número total de pessoas que moram na casa:.....
- Tu trabalhas fora? () sim () não () desempregada
- O que tu fazes (ias)?..... Horas/dia: Dias/semana:
- Não trabalha há meses
- Salário:
- Qual a renda familiar mensal (aprox.)?
- Moradia: própria () alugada () outro ()

Companheiro (Cód. identificação):.....

- Idade:..... Escolaridade (anos concluídos):
- Religião:..... Praticante: () sim () às vezes () não
- Local de nascimento?
- Onde viveu a maior parte da vida: () capital () cidade do interior () Zona rural (vila, sítio) Município:.....
- Filhos do companheiro com outra mulher (incluir sexo – M ou F e idade):
Vive junto:; Não vive junto:
- Trabalha fora? () sim () não () desempregado
- O que faz (ia)?..... Horas/dia: Dias/semana:
- Não trabalha há meses
- Salário:.....

Bebê

- Idade gestacional (em semanas):.....
- Peso ao nascer:.....

Informações do pai do bebê (se ele não for o companheiro e for presente)

- Idade:..... Escolaridade (anos concluídos):
.....
- Local de nascimento?
- Onde viveu a maior parte da vida: () capital () cidade do interior () Zona rural (vila, sítio) Município:.....

- Possui outros filhos? (incluir sexo – M ou F e idade):.....
- Trabalha fora? () sim () não () desempregado
- O que faz (ia)?..... Horas/dia: Dias/semana:
- Não trabalha há meses

II. Eu gostaria agora, de algumas informações sobre a tua moradia.*

- Possui Televisores (em cores)? Sim () Quantos? _____ Não ()
- Possui Rádio (qualquer um, menos de automóvel)? Sim () Quantos? _____ Não ()
- Possui Banheiro (definidos pela existência de vaso sanitário e privativos do domicílio)?
Sim ()
Quantos? _____ Não ()
- Possui Automóvel (carro ou moto) (não táxi, vans ou pick-ups usados para atividades profissionais)? Sim () Quantos? _____ Não ()
- Possui Empregada doméstica (apenas mensalistas, que trabalham pelo menos 5 dias por semana)? Sim () Quantas? _____ Não ()
- Possui Máquina de Lavar (automáticas e/ou semi-automáticas)? Sim () Quantas? _____ Não ()
- Possui Videocassete e/ou DVD (qualquer tipo)? Sim () Quantos? _____ Não ()
- Possui Geladeira? Sim () Quantos? _____ Não ()
- Possui Freezer? Sim () Quantos? _____ Não ()

Para fins de pontuação:

Havendo geladeira no domicílio, independente da quantidade, serão atribuídos os pontos (4) correspondentes a possui de geladeira; Se a geladeira tiver um freezer incorporado – 2a. porta – ou houver no domicílio um freezer independente serão atribuídos os pontos (2) correspondentes ao freezer. As possibilidades são:

Não possui geladeira nem freezer	0 pt
Possui geladeira simples (não duplex) e não possui freezer	4 pts
Possui geladeira de duas portas e não possui freezer	6 pts
Possui geladeira de duas portas e freezer	6 pts
Possui freezer mas não geladeira (caso raro mas aceitável)	

Total de Pontos: _____ Classe: _____

Para uso do pesquisador:

Creche: _____
Local de aplicação: _____
Data da Coleta: _____
Responsável: _____

*NUDIF, 2010 adaptada de NUDIF – 2009 (Projeto PREPAR)

*Item derivado do Critério de Classificação Econômica Brasil, da ABEP, 2009.

ANEXO D

ENTREVISTA SOBRE A GESTAÇÃO, PARTO E A EXPERIÊNCIA DA PATERNIDADE (Projeto CRESCI; NUDIF – UFRGS, 2011)

I. Eu gostaria que tu me falasses sobre a gravidez do (nome do bebê)

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Esta foi a tua primeira gravidez? Foi uma gravidez planejada?
2. Como tu recebeste a notícia da gravidez? Como a tua companheira recebeu a notícia?
3. Como te sentiste ao receber a notícia da gravidez?
4. Tu percebeste alguma mudança na tua rotina com a gravidez? Descreva.
5. Como tu avalias a tua participação durante a gravidez? O que tu costumavas fazer?
6. Como tu te sentiste com a tua participação?
7. Como tu achas que ela se sentia com a tua participação?
8. Você acha que alguma coisa mudou no seu jeito de ser com a gravidez?
9. Alguma coisa mudou no jeito de ser dela com a gravidez?
10. Alguma coisa mudou no relacionamento de vocês com a gravidez?
11. Que preocupações tu tinhas em relação a ti como pai durante a gravidez?
12. Que preocupações tu tinhas em relação ao bebê durante a gravidez?
13. Que tipo de pai tu achavas que serias?
14. Como tu imaginavas que o bebê seria? Como tu imaginavas que seria o teu relacionamento com ele?

II. Eu gostaria que tu me falasses sobre o parto e os primeiros dias com o bebê.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Como foi o parto? Foi normal ou cesariana? Houve alguma complicação? Como tu te sentiste?
2. Tu acompanhaste o momento do parto? Como foi?
3. Como foi o teu primeiro encontro com o bebê após o parto? Como tu te sentiste? Ele era como tu imaginavas?
4. Como foram os primeiros dias após o parto? Foi como tu imaginavas? O que te agradou e desagradou?
5. Pensando nos dias que a tua companheira ficou hospitalizada, como foi a tua rotina durante esse período?
6. Como tu avalias a tua participação no parto e nos primeiros dias? O que tu costumavas fazer?
7. Como tu te sentiste com isto?
8. Que preocupações tu tiveste em relação ao bebê nesses primeiros dias?
9. Tu lembras de alguém que ajudou nos primeiros dias após o nascimento? *(em caso afirmativo):* Quem foi? E que tipo de ajuda ofereceu? Como tu te sentiste?
10. Alguém te deu algum suporte pessoal neste momento?

III. Eu gostaria que tu me falasses sobre o teu dia-a-dia com o bebê.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Como tu descreverias o jeito do teu bebê? Como é lidar com ele?
2. Era como tu imaginavas? *(se não era)* O que está diferente?
3. Tu sentes que consegues entender o que o *(bebê)* expressa?
4. De maneira geral, que tarefas tu consideras importantes no dia-a-dia com um bebê?
5. Que tarefas tu tens assumido com relação ao bebê? Como tu te sentes? *(explorar o tempo de cada tarefa e a frequência em que é responsável pela tarefa)*
6. Qual é a disponibilidade que tu tens para assumir as tarefas ou brincar com o teu filho?
7. Dentre esses momentos que tu tens disponíveis para teu filho, em quais deles tu assumes a responsabilidade pelo cuidado dele?
8. Que coisas tu mais gostas de fazer com ele? Por quê?
9. Que coisas tu menos gostas de fazer com ele? Por quê?
10. O que tu achas que mais agrada ao teu bebê quando ele está contigo? Por quê?
11. E o que mais desagrada ao teu bebê quando ele está contigo? Por quê?
12. Tu costumavas brincar com o bebê? Com que frequência? Do que vocês brincam? Como ele reage a essas brincadeiras? Como te sentes?

13. Como tu lidas com a tua rotina pessoal e a rotina como pai?

IV. Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre como está sendo a experiência de ser pai.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Tu imaginavas que seria assim?
2. Como tu estás te sentindo como pai neste momento?
3. Tu estás tendo alguma dificuldade?
4. Como tu te descreverias como pai? Tu pensas em alguém como modelo de pai? Quem seria?
5. Como ela é/era como pai?
6. Tu evitas algum modelo de pai que tu já conhecestes?
7. E o teu pai, como tu imaginas que ele era contigo? O que tu lembras?
8. O teu jeito de cuidar do/a (*nome da criança*) é parecido ou diferente do dele?
9. E a tua mãe, como tu imaginas que ela era contigo? O que tu lembras?
10. O teu jeito de cuidar do/a (*nome*) é parecido ou diferente do dela?

V. Eu gostaria que tu me falasses como tu estás vendo a tua companheira como mãe.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Como é o jeito dela lidar com o bebê?
2. Como tu achas que ela está sendo como mãe? Esta sendo como tu imaginavas?
3. Que atividades ela realiza com o bebê?
4. Quanto tempo ela passa por dia com o bebê?
5. Ela solicita a tua ajuda nos cuidados com o bebê? Como? (*em caso negativo*) Tu pedes para ajudar nos cuidados com o bebê? Como é para ti pedir essa ajuda?
6. Como tu avalias a ajuda que tu prestas a ela?
7. Como imaginas que ela te vê como pai?

VI. Eu gostaria que tu me falasses se outras pessoas ajudam a cuidar do bebê.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Quem costuma ajudar no cuidado com o bebê? Como é a ajuda dessa pessoa? Quantas horas esta pessoa fica com o bebê?
2. Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do/a (*nome*)?
3. O que te agrada? O que te incomoda?
4. Como o/a (*nome*) reage quando outra/s pessoa/s ficam com ele?
5. O que tu achas disso? Como tu te sentes?

(Caso esta pessoa fique cuide regularmente da criança)

6. Porque vocês escolheram esta forma de cuidado para o/a (*nome*)?
7. O que levaram em conta para isto (ex. proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo)?
8. Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (*nome*) em relação a essa/s pessoa/s que fica/m com ele/a nos últimos meses?

VII. Por fim, vamos conversar sobre a decisão de colocar (ou não) a criança na creche:

1. Por que vocês escolheram colocar (ou não) a criança na creche neste momento?
2. Como foi feita esta escolha? *Se a criança vai para a creche:* Como foi feita a escolha da creche?
3. Como tu avalias a tua participação nesta escolha?
4. Como tu te sentes por colocar (ou não) o(a) filho(a) na creche?

Perguntar somente para os que vão à creche (grupo 1):

Como que tu imaginas que será a tua rotina com a entrada do bebê na creche?

Perguntar somente para os que não vão à creche (grupo 2):

Vocês pensam em colocar o seu filho(a) na creche? Em que momento? Por quê?

VIII. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?

Obs: Entrevista construída com base nas entrevistas: GIDEP/NUDIF (2003a, 2003b, 2006) por Scheila Becker, Gabriela Dal Forno Martins, Marília Reginato Gabriel e Cesar Augusto Piccinini.

ANEXO E

ENTREVISTA SOBRE A ADAPTAÇÃO DO BEBÊ À CRECHE – versão pai (Projeto CRESCI/NUDIF, 2011)

Código de Identificação:

Data:

Entrevistador:

I. Inicialmente eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre como está o(a) (nome) após a entrada na creche

1. Depois que ele(a) entrou na creche você percebeu algumas mudanças no (nome)? Se sim, o que mudou?

2. (*Se não mencionou*) E como está o/a (ver lista abaixo) do (nome) após a entrada na creche?

a- Saúde: Mudou alguma coisa? (Repetir abaixo)

f- Choro

b- Sono:

g- Vocalizações:

c- Alimentação:

h- Brincadeiras:

d- Nível de atividade física:

i- Capacidade de prestar

atenção à

e- Humor:

objetos/brinquedos

II. Gostaria que você me falasse um pouco sobre o processo de adaptação do (nome) na creche.

1. Como está a adaptação do (nome) na creche?

2. Como foram os primeiros dias?

3. Como vocês foram recebidos na creche?

4. O que você mais gostou?

5. O que te desagradou? Você acha que algo poderia ter sido diferente?

6. O que você acha que facilitou o processo de adaptação do (nome)?

7. E o que você acha que dificultou?

8. Você acha que seu filho está adaptado à creche?

9. *Se sim*, por quê você acha isso?

Se não, o que você acha que ainda é preciso?

III. Agora eu gostaria que tu me falasse sobre o relacionamento do(a) (nome) com as pessoas depois que entrou na creche.

1. Como ele(a) tem interagido contigo depois que entrou na creche? Algo mudou? Se sim, o quê?

2. E com a mãe dele? Algo mudou? Se sim, o quê?

(*Caso tenha irmãos*) Como ele tem interagido com o(s) irmão(s)? Algo mudou? Se sim, o quê?

3. E com outros familiares? Algo mudou? Se sim, o quê?

4. E como ele tem interagido com pessoas estranhas? Você nota se algo mudou? Se sim, o quê?

IV. Agora eu gostaria que tu me falasse sobre o relacionamento do(a) (nome) com as pessoas depois que entrou na creche.

1. Como ele(a) tem interagido contigo depois que entrou na creche? Algo mudou? Se sim, o quê?

2. E com a mãe dele? Algo mudou? Se sim, o quê?

3. (*Caso tenha irmãos*) Como ele tem interagido com o(s) irmão(s)? Algo mudou? Se sim, o quê?

4. E com outros familiares? Algo mudou? Se sim, o quê?

5. E como ele tem interagido com pessoas estranhas? Você nota se algo mudou? Se sim, o quê?

V. Agora eu gostaria que você falasse um pouco sobre como vocês estão se sentindo com a ida do(a) (nome) à creche.

1. Você percebe alguma mudança na família depois que a/o (nome) entrou na creche?

2. Como tu estás te sentindo com a ida do seu filho à creche?

3. Agora que o bebê está na creche, quais são as tarefas que tu tens assumido com ele?

4. Tu sentes alguma mudança na tua interação com ele desde a entrada na creche?

5. Como que é a tua relação com a creche? Em que momentos tu tens entrado em contato direto com as educadoras ou com a coordenação da creche? Sobre o que vocês conversam?
6. E como a tua companheira está se sentindo? Mudou algo no dia-a-dia dela?
(*Caso tenha irmão*) E o(s) irmão(s) dele(a) como está se sentindo? Ele comenta algo?

V. Para finalizar eu gostaria que me falasse sobre outros eventos que aconteceram nesse período de entrada do (nome) na creche.

1. Aconteceu algum evento estressante para a família nestes últimos meses?
2. Você poderia me contar como foi?
3. Este(s) evento(s) interferiu na decisão de colocar o bebê na creche? De que forma?
4. E na adaptação do bebê à creche? Houve alguma influência? Qual?

Obs: Participaram da elaboração dessa entrevista Scheila Becker, Gabriela Martins e Cesar Piccinini, adaptação para o pai: Marília R. Gabriel.

ANEXO F

ENTREVISTA SOBRE O ENVOLVIMENTO PATERNO NA ROTINA DO BEBÊ

(Projeto CRESCI/NUDIF, 2011)

I. Eu gostaria que tu me falasses sobre o teu dia-a-dia com o bebê.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Como está o desenvolvimento/crescimento do teu bebê?
2. O que o bebê está fazendo que mais te chama atenção?
3. Como tu descreverias o jeito do teu bebê? Como é lidar com ele?
4. Era como tu imaginavas? *(se não era)* O que está diferente?
5. Tu sentes que consegue entender o que o *(bebê)* expressa?
6. De maneira geral, que tarefas tu consideras importantes no dia-a-dia com um bebê?
7. Pensando agora na rotina do teu filho(a), tu poderias me descrever como é a rotina e me contar com quem ele fica e o que ele faz durante o período da manhã, da tarde e da noite?

Questões a serem exploradas:

- a) *Qual a hora que o bebê acorda e vai dormir?*
 - b) *Quem são as pessoas que cuidam do bebê neste período? (se for babá, caracterizar idade, experiência com bebês)*
 - c) *Quantas horas essas pessoas passam com o bebê?*
 - d) *Quais as atividades que estas pessoas fazem com o bebê (explorar cada atividade mencionada com detalhes)?*
 - e) *Como o bebê reage quando está com essas pessoas?*
 - f) *Você percebeu alguma mudança no comportamento do bebê desde que passou a ficar com essa pessoa?*
 - g) *Como o pai se sente com estas pessoas cuidando do bebê? O que o agrada e o que o incomoda?*
8. A rotina do bebê muda no final de semana? Se muda, tu poderias me contar como é a rotina dele neste período? *(Explorar mesmos tópicos da questão anterior)*
 9. Que tarefas/atividades tu tens assumido com relação ao bebê? Como tu te sentes? *(explorar o tempo de cada tarefa e a frequência em que é responsável pela tarefa)*
 10. Qual é a disponibilidade que tu tens para assumir as tarefas/atividades com o teu filho?
 11. Dentre esses momentos que tu tens disponíveis para teu filho, em quais deles tu assumes a responsabilidade pelo cuidado dele?
 12. Que coisas tu mais gostas de fazer com ele? Por quê?
 13. Que coisas tu menos gostas de fazer com ele? Por quê?
 14. O que tu achas que mais agrada ao teu bebê quando ele está contigo? Por quê?
 15. E o que mais desagradava ao teu bebê quando ele está contigo? Por quê?
 16. Tu costumava brincar com o bebê? Com que frequência? Do que vocês brincam? Como ele reage a essas brincadeiras? Como te sentes?
 17. Como tu tens lidado com a tua rotina pessoal e a rotina como pai?

II. Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre como está sendo a experiência de ser pai.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Como tu estás te sentindo como pai neste momento?
2. Tu estás tendo alguma dificuldade?
3. Como tu te descreverias como pai neste momento?
4. Neste momento, como tu achas que a tua companheira está sendo como mãe?

Em geral, como tu estas vendo o relacionamento do casal neste momento? **III. Eu gostaria que tu me falasses se outras pessoas ajudam a cuidar do bebê.**

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Nestes últimos seis meses, quantas pessoas diferentes ajudaram a cuidar do bebê? Essas pessoas mudaram ao longo do tempo? (ex: trocou de babá, de educadora)

(Se os pais modificaram o tipo de cuidado alternativo - ex: contrataram uma babá, colocaram o bebê na creche, passaram a deixar com a avó)

- a) Por que vocês escolheram esta forma de cuidado para o/a (nome)?

- b) O que levaram em conta para isto (ex. proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc)?
- c) Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (nome) quando ele passou a ser cuidado por esta(s) pessoa (s)?
 - 2. Tu achas que este tipo de cuidado tem acrescentado algo na vida do teu filho? O que?
 - 3. Das habilidades que o bebê adquiriu nesses últimos seis meses, tu atribui alguma delas a este tipo de cuidado?
 - 4. Mudou alguma coisa na tua relação com o bebê depois que ele passou a receber este tipo de cuidado?

(Se a criança vai para a creche)

IV. Agora, vamos conversar sobre como que está sendo a relação com a creche:

- 1. Como está a tua rotina com o bebê na creche? (explorar: buscar, levar, festas e reuniões)
- 2. Como tu avalias a tua participação na creche?
- 3. De que atividades tu tens participado?
- 4. Como tu avalias a creche que o bebê frequenta? Tu poderias citar algumas características da creche que contribuem para sua avaliação?
- 5. O que tu mais gostas?
- 6. O que te desagrada? Tu achas que algo poderia ser diferente?
- 7. Quem é a pessoa que a creche se dirige em primeiro lugar?
- 8. Como tu avalias a comunicação entre você e as educadoras?
- 9. Sobre o que vocês costumam conversar?
- 10. *(Se o pai não tem contato direto com a creche)* Como tu tens acesso ao o que o teu filho tem feito durante o período que passa na creche?
- 11. Qual é a tua disponibilidade para possíveis contatos que a creche solicita?

V. Para finalizar, gostaria que tu me falasses um pouco sobre como tu te sentes como pai de um bebê que vai para a creche?

- 1. O que tu achas que a creche tem acrescentado na vida do teu filho?
- 2. Das habilidades que o bebê adquiriu nesses primeiros meses, o que tu atribuis à creche?
- 3. Como que tu imaginas que seria se teu bebê não frequentasse a creche?
- 4. Mudou alguma coisa na tua relação com o bebê depois que ele entrou na creche?
- 5. *(Caso não tenha sido dito na rotina)* Quando o bebê está em casa, após o período de creche, quem é o principal responsável pelo cuidado do bebê?
- 6. Como tu te sentes com a interferência da creche na criação do teu bebê?

VI. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?

Obs: Entrevista construída com base nas entrevistas: GIDEP/NUDIF (2003a, 2003b, 2006) por Scheila Becker, Gabriela Dal Forno Martins, Marília Reginato Gabriel e Cesar Augusto Piccinini.